

Florianópolis (SC)
maio/junho de 2010
Ano 5
Nº 23
R\$ 4,00

Pobres & Nojentas

Atlântico engole praias da Ilha



Acepo, "Nojenta" é o personagem que questiona velhos valores, cria o novo e persegue vida boa e bonita para todos



04 E a duna sumiu!

- 10 Eis que surge um Novo Horizonte
- 14 Florianópolis na luta por mobilidade urbana
- 21 De um golpe, Honduras
- 22 Lições para fazer arder o fogo da comunicação

Seções

- 03 Editorial
A Pobres chega ao quinto ano
- 19 Crônica
Sai daí, guri!
- 20 As delícias de Su&Li
- 25 Crônica
Meus Dias
- 26 Tempo Livre
- 27 Poesia
Aprisionada

Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
 - Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano
(bimestral): R\$ 25,00
(inclui as despesas
com o Correio)



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Colaboraram nesta edição:

- Camila Bion de Assis
- Celso Martins
- Celso Vicenzi
- Elaine Tavares
- Jarbas Bonetti
- Leonardo Tolomini Miranda
- Luís Henrique Prates
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Mônica Fünfgelt
- Raul Fitipaldi
- Rosângela Bion de Assis
- Sandra Werle
- Wilson Werle

Edição:

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)
Endereço eletrônico:
eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração
e Tratamento de imagens
Rosângela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)
Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)

Revisão
Mônica Fünfgelt

Artes da *Pobrecita*
• Silva
• Eduardo Schmitz

Apoio Cultural
• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)



Florianópolis/Santa Catarina

A Pobres chega ao quinto ano

E lá vamos nós para o quinto ano, quase um milagre. Porque a *Pobres* é assim, guria nojenta, incapaz de se render aos “esquemas” comerciais. Vai se vendendo do jeito antigo, no mercado original, aquele em que o que vende olha nos olhos do que compra, numa relação de interdependência. Por isso, cada um que leva a *Pobres* para casa é verdadeiramente importante para nós, sem retórica. Porque dependemos deste ser que compra, que acredita na nossa proposta. Até porque é a partir dele que podemos distribuir por aí, gratuitamente, a maior parte da edição.

Na revista que agora te cai nas mãos fazemos uma homenagem aos foto-jornalistas, essas criaturas que, como a nossa revista, resistem ainda, firmes, neste mundo infame do jornalismo-

gosma. Essas figuras que escrevem com a luz, registrando o inaudito, o real, a vida mesma, que se expressa no instante do clicar nervoso de quem é repórter por essência. E, no olhar de repórter, esse ser que fotografa detecta coisas que o olho comum não percebe. Ele é um observador do detalhe, feito de outro barro. Nunca está seguro, nunca chega à perfeição, nunca está pronto. Porque está em eterna construção e, numa única foto, num detalhe, precisa traduzir, na linguagem própria da foto, o fato inteiro.

Esta *Pobres* traz esse olhar, do Luís Henrique Prates, do Celso Martins, na

Revolta da Catraca, na tragédia da perda, no espaço da luta e da resignação. Assim como já trouxemos outros do gabarito de um Claudio Silva da Silva, um Ricardo Casarini, um Ronnie Huete, uma Marcela Cornelli. Junto com essa linguagem feita em luz, oferecemos as histórias, os fatos, o jornalismo de libertação, que não se perde no estilo porta-voz, na oficialidade, na superficialidade. Um jornalismo que vai ao fato, de corpo inteiro, com olho e mão, com nariz, com boca, cheiro e gosto. Um jornalismo que diz das gentes reais. Resis-



Ilustração: Camila Bion de Assis

Pobres & Nojentas tem Boletim Eletrônico

Cadastre seu e-mail em revistapobresnojentas@gmail.com para receber o resumo das notícias, reportagens, crônicas e artigos, além da agenda do movimento sindical e popular.

P&N no Orkut

Comunidade Pobres & Nojentas

No You Tube:

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

P&N no Twitter

www.twitter.com/pobresnojentas

Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresnojentas.wordpress.com>

Blog da revista: <http://pobresnojentas.blogspot.com>

E a duna sumiu!

**Textos e fotos:
Celso Martins,
de Florianópolis**

- As ondas estão levando uns 10 metros de terreno por dia, diz uma conhecida residente na praia da Armação a poucos metros das ondas. Estava apavorada. Sua amiga, mais à frente, perdera metade da casa e corria o risco de ficar sem o terreno.

Esse foi o primeiro alerta recebido na praia da Armação, em fins de maio último, distante uns 25 quilômetros do Centro de Florianópolis, ao sul da Ilha de Santa Catarina, onde o avanço marinho provocava acentuada erosão costeira. Umhas duas dezenas de casas haviam sido destruídas. Outras tinham o mesmo destino. Havia um burburinho, olhos marcados pelas noites em claro, um corre-corre, transporte de móveis, caminhões de mudança estacionados recebendo as tralhas. Um drama!

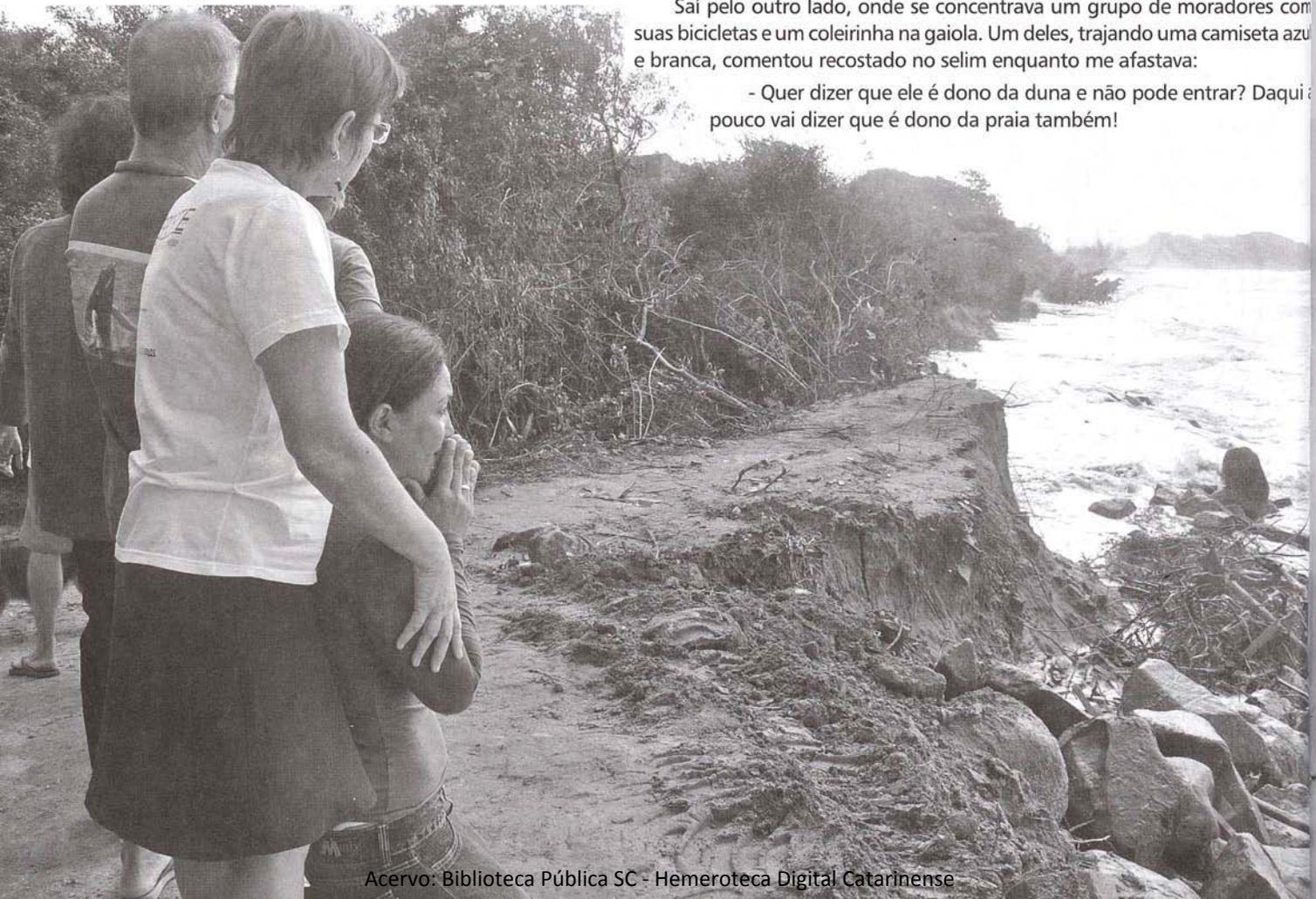
Feitas as fotos iniciais segui pela orla reduzida pela ação da ressaca, chegando a um terreno cujo proprietário tratava de lançar pedras, como seus vizinhos, tentando conter a fúria salgada. Duas ou três fotos depois e já estava sendo tocado do local.

- É um terreno particular, não pode ficar aí, disse o homem.

Saí pelo outro lado, onde se concentrava um grupo de moradores com suas bicicletas e um coleirinha na gaiola. Um deles, trajando uma camiseta azul e branca, comentou recostado no selim enquanto me afastava:

- Quer dizer que ele é dono da duna e não pode entrar? Daqui pouco vai dizer que é dono da praia também!

Praia da Armação, em fins de maio



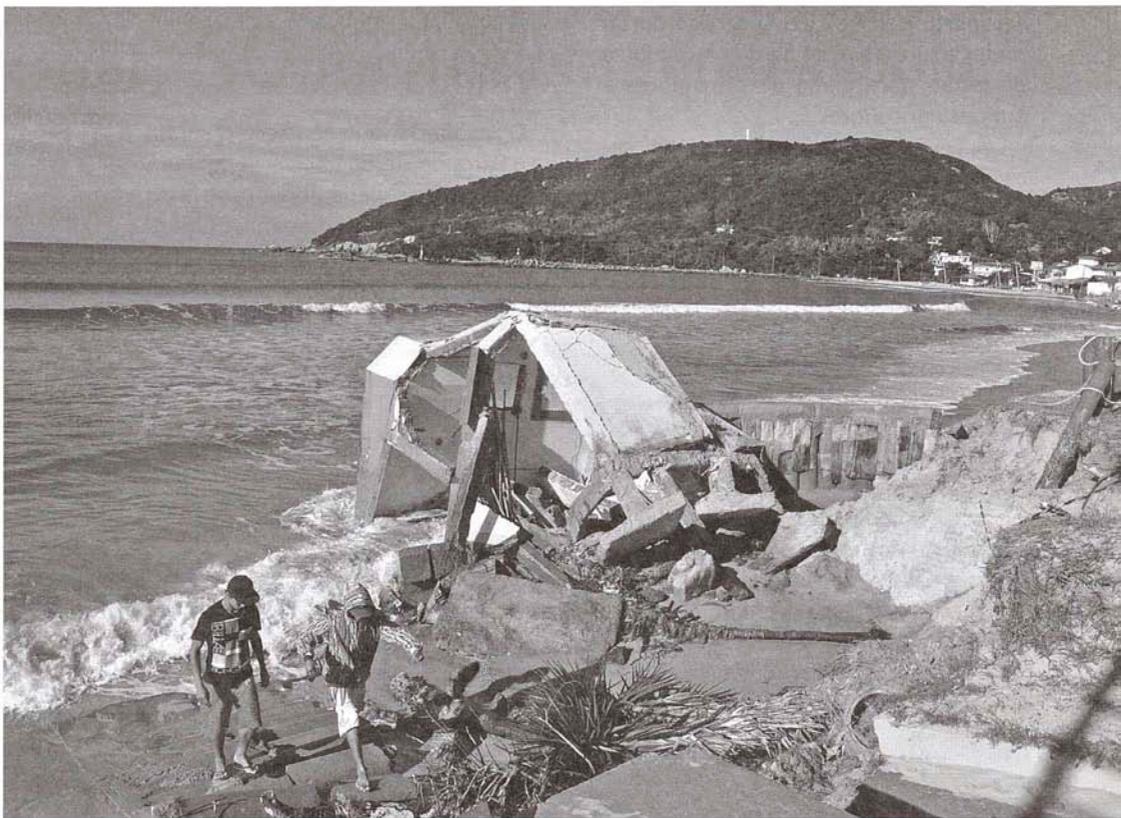
Aquilo chamou a atenção. Depois de percorrer a área mais afetada ao longo de um trecho da rua Hermes Guedes da Fonseca, foi possível constatar que nenhum dos chamados “moradores nativos” fora atingido pela ressaca. Eles residem em outras áreas, seguras, distantes do perigo. Pelo jeito de chegar, olhar a destruição, e sair sem nada comentar, muitos pareciam pensar: “bem feito, quem mandou derrubar a restinga e ocupar a duna”.

A tensão sutil e latente permaneceu nos dias seguintes. De um lado o drama de quem estava perdendo mais do que casas, ficando sem seus terrenos ou com partes deles. Na outra ponta, como espectadores involuntários, os escaldados por quase três séculos de ocupação do terreno, conhecedores das manhas e das ameaças do mar.

Foi nesse clima que os moradores desesperados conseguiram sensibilizar o prefeito, a senadora Ideli Salvatti e a procuradora Analucia Hartmann, garantindo o início da colocação de pedras para conter a destruição, com licenças rapidamente expedidas pela Fatma, Ibama e Floram. Uma ação de emergência, seguindo o que muitos moradores haviam feito anteriormente, sem licença alguma e com resultados positivos – a colocação de pedras, entulhos, barro, areia.

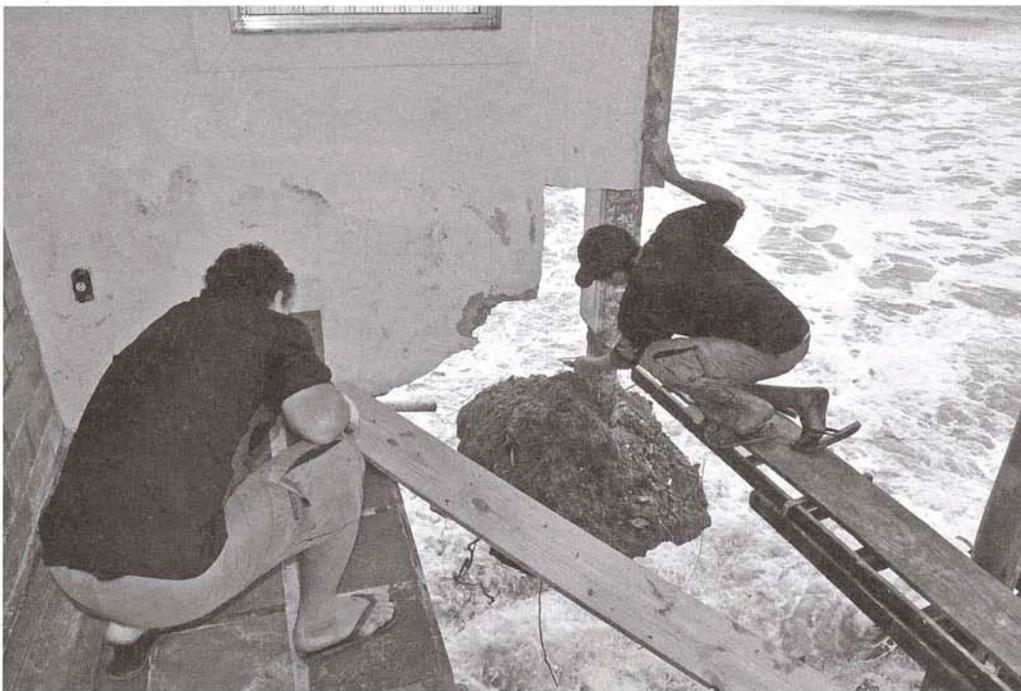
Molhes e caminhões de areia

Zenildo de Oliveira tinha 11 anos de idade em 1971. Acompanhou de perto a inusitada movimentação de caminhões transportando areia da praia e dunas da Armação para servir de base a uma das pistas do



Acima, posto do salva-vidas derrubado, na Barra da Lagoa

Abaixo, sapata do que foi a casa do artista plástico Átila Ramos, na praia da Armação



aeroporto Hercílio Luz. O serviço durou meses e alterou a rotina dos moradores da então pacata vila de pescadores e antigos agricultores.

- Levaram daqui uns cinco mil caminhões de areia. E eram caminhões grandes. Calculo uns seis mil metros cúbicos.

Ele cita os nomes de pessoas mais velhas, ainda vivas, que acompanharam a retirada do material. Um deles, Flávio José Cordeiro, mantém um salão de beleza no bairro.

Mais tarde, já adulto, Zenildo foi intendente da Armação do Pântano do Sul. Lembra que na gestão do prefeito Cláudio Ávila da Silva as pedras do antigo molhe dos tempos da caça à baleia foram espalhadas pela praia devido a uma forte ressaca. As pedras foram recolhidas e recolocadas. O molhe recebeu outro reforço em 1992, na administração de Bulcão Viana.

Lagoa do Peri continua doce

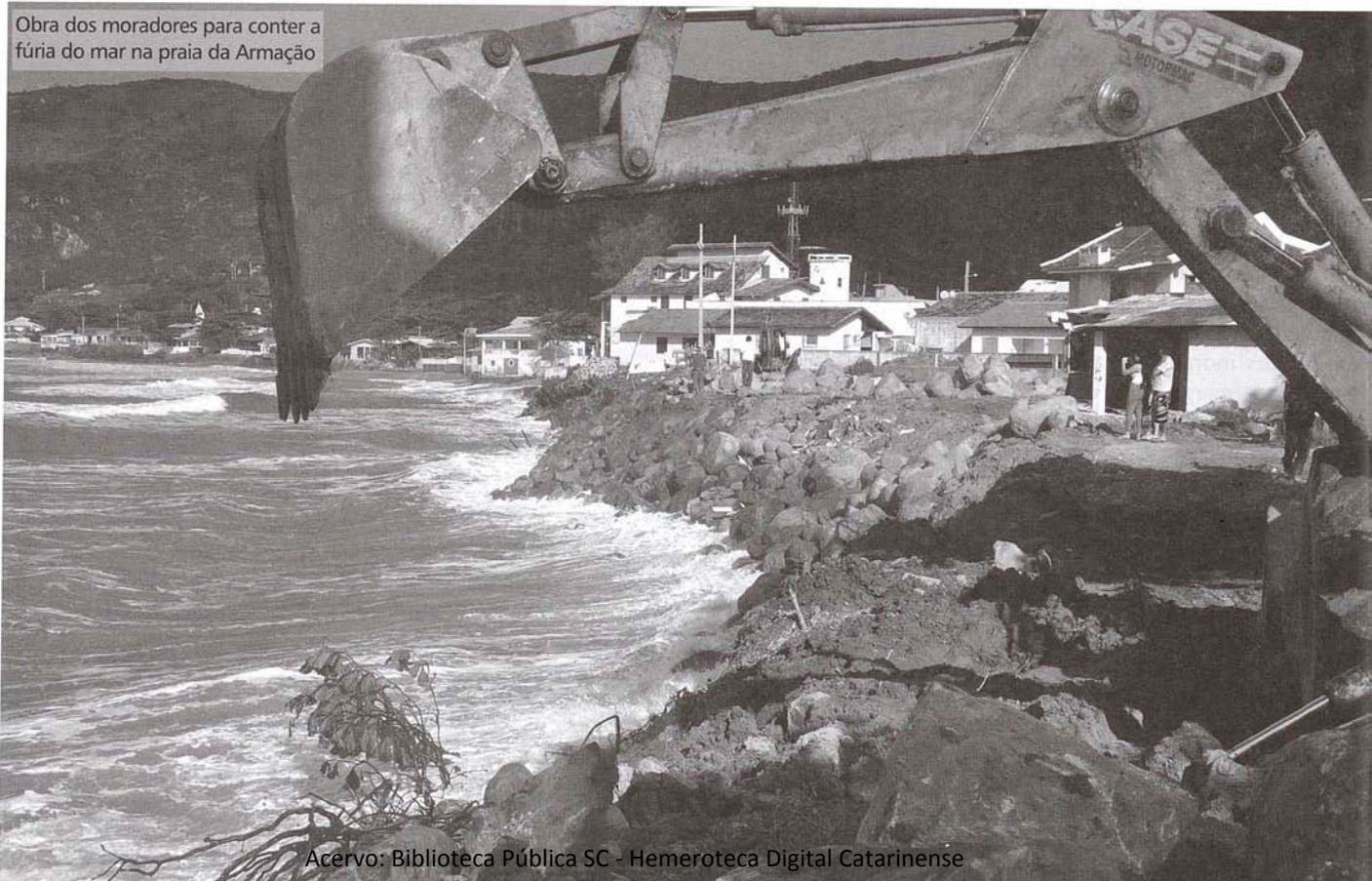
O manancial que abastece o sul da Ilha e Barra da Lagoa não corre nenhum risco, garante o superintendente de Meio Ambiente da Casan (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento), Cláudio Floriani. A lagoa do Peri é monitorada com medições da salinidade do rio Sangradouro. "O percentual mais acentuado que encontramos foi próximo à foz do Sangradouro", garante Floriani.

O rio Sangradouro nasce na Lagoa do Peri, situada a 3 metros acima do nível do mar. No ponto onde a lagoa extravasa e forma o Sangradouro a Casan capta a água que trata e distribui à população. Para chegar até esse ponto o mar precisaria subir pelo menos 2,5 metros, o que inundaria cerca de 70% de toda a Ilha de Santa Catarina.

Floriani também descarta a possibilidade de infiltração do mar na lagoa por baixo. As águas do Peri e do mar estão em equilíbrio. Caso a lagoa diminua acentuadamente de nível, numa situação de estiagem extrema, esse equilíbrio pode se romper e levar à salinização, mas o risco não existe. A vazão da lagoa (formando o rio Sangradouro) é de 500 litros por segundo e a Casan capta apenas 200 litros por segundo. Nos períodos de maior consumo são usados como reforço os poços profundos localizados no Campeche, exatamente para não dar chance à cunha salina.

O técnico acha impossível que o mar chegue ao Peri pelo trecho norte da praia da Armação, junto ao Morro das Pedras. Essa área permanece sem construções, com dunas e restinga preservadas. "Se isso vier a ocorrer todo o restante da Ilha e do litoral catarinense estará sob risco também", acentua Floriani.

Obra dos moradores para conter a fúria do mar na praia da Armação



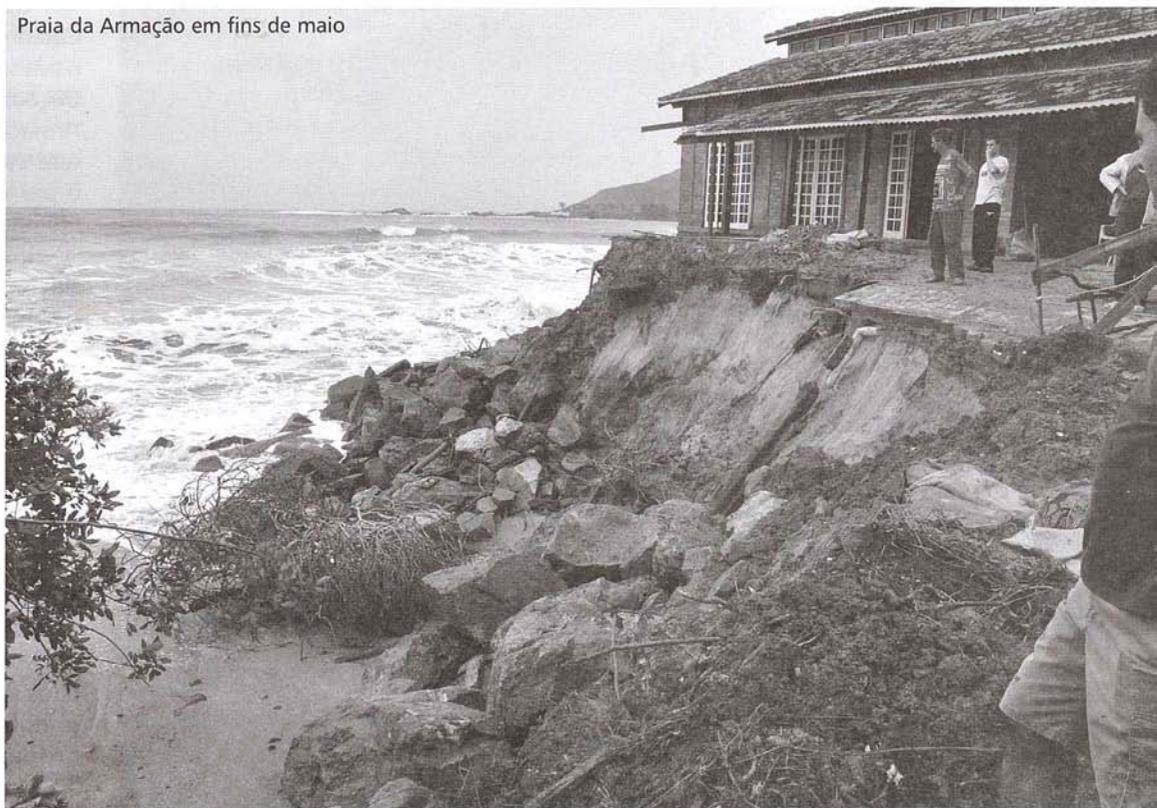
Avanço do mar, 50 metros em meio século

A ação marinha na praia da Armação, e também na Barra da Lagoa, vem sendo estudada há décadas, conforme levantamento do professor da UFSC Norberto Horn Filho.¹

Um destes estudos é o da professora Janete Abreu de Castilhos e foi apresentado em abril de 1997. Ela comparou fotografias aéreas da praia da Armação entre 1938 e 1994 e fez pesquisas de campo por 14 meses, concluindo que em 58 anos a taxa de erosão foi de 85 centímetros por ano, sobretudo no setor sul da praia. A urbanização desapareceu com as dunas frontais, deixando a área sem a proteção natural.²

Na Sepex de 2008 na UFSC, Janete Abreu de Castilhos, João Carlos Rocha Gré e Norberto Olmiro Horn Filho apresentaram estudos confirmando a "ocorrência de importantes processos erosivos na área de estudo [setor sul, Armação] na segunda metade do século 20", baseados nas mesmas aerofotogrametrias de 1938 a 1994. "Entre as causas levantadas para explicar os processos erosivos diagnosticados estão: o balanço sedimentar costeiro longitudinal, o impacto de interferências antrópicas

Praia da Armação em fins de maio



[humanas] sobre a orla, a ocorrência de eventos erosivos de intensidade excepcional e a elevação contemporânea do nível do mar".³

O estudo mais recente é assinado pela meteorologista Laura Rodrigues e o oceanólogo Argeu Vanz - As ressacas no litoral catarinense (Ciram-Epagri). Segundo os autores, "embora a erosão praias possa ocorrer naturalmente, a falta de conhecimento da dinâmica litorânea, a ocupação desordenada e a construção de algumas

estruturas (molhes, calçadas etc) podem acelerar esse processo, exigindo,

em alguns casos, gastos volumosos para minimizar o problema".⁴

Fontes

1) PDF. http://www.ufrgs.br/ceco/gravel/2/CD/docs/Gravel_2_05.pdf

2) Morphodynamic and study of the "Armação" beach, Santa Catarina Island, Brasil. Janete Abreu de Castilhos / UFSC - Departamento de Geologia e Oceanologia - Universidade de Bordeaux - França. In Aquitaine Ocean. Gestion de la zone littorale de l'île de Santa Catarina (Brasil) - Manejo Costeiro da Ilha de Santa Catarina (Brasil). Atas do colóquio franco-brasileiro.

Florianópolis-SC, 2-5 abril de 1997. (Exemplar nº 3 - 1997). Tradução: Ben Kraijnbrink.

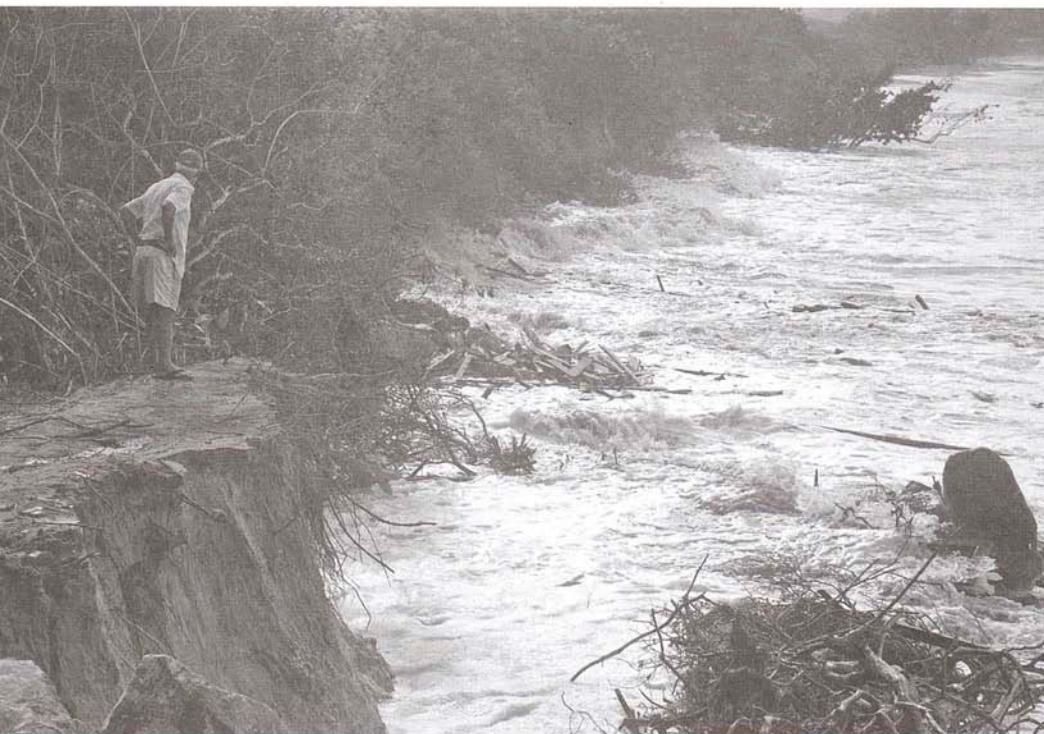
3) Anais da 7ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão Sepex-UFSC. De 22 a 25 de outubro de 2008. EROSAO COSTEIRA E OSCILAÇÕES DO NÍVEL MÉDIO DO MAR: UM ESTUDO DE CASO NA PRAIA DA ARMAÇÃO, ILHA DE SANTA CATARINA, BRASIL.

4) PDF. http://ciram.epagri.sc.gov.br/ciram_arquivos/arquivos/portal/noticia/ressacas_litoral_catarinense.pdf

Até a próxima



Acima e abaixo, praia da Armação em fins de maio



Os moradores da Ilha de Santa Catarina observam com preocupação o avanço do mar sobre diversas construções, particularmente nas praias da Armação e da Barra da Lagoa. Mas o que está causando esse fenômeno e por que esses locais são os mais afetados?

Primeiramente é preciso considerar que as praias são “sistemas dinâmicos”.

“Sistemas” porque compreendem não apenas a faixa de areia onde se toma banho de sol, mas também a duna frontal e a porção submersa que fica entre a zona de arrebentação das ondas e a linha d’água. Ao longo dos setores desse sistema as areias se movimentam continuamente, acumulando-se na porção submersa após eventos de tempestade e retornando ao setor emerso durante períodos de tempo bom. Assim, quando se obstrui o trânsito das areias, por exemplo, pela construção de um molhe na porção submersa ou de uma casa em área originalmente ocupada por duna, é possível que se rompa o equilíbrio da praia e passe a ocorrer erosão em alguns pontos e acúmulo de areia em outros.

Em condições naturais, como na praia de Moçambique, em episódios de tempestade o mar avança sobre as dunas, retira material dali e o deposita no setor submerso da praia. Se a partir de então predominarem ondas “de tempo bom” essas areias irão retornar e a duna voltará a engordar. Por outro lado, se o trecho de duna estiver ocupado por uma construção essas areias não estarão mais disponíveis e as ondas atingirão diretamente as casas e restaurantes ali localizados. Diz-se que há um déficit de sedimento.

Praias também são “dinâmicas”

temporada de tempestades

Por Jarbas Bonetti*

porque se modificam constante e naturalmente, sem necessariamente haver a intervenção humana. Essa "instabilidade" ocorre porque elas são compostas por material solto (a areia) que pode ser transportada com facilidade de um local para outro pelas correntes geradas pelas ondas e pelas marés. Além disso, são feições de vida curta se considerarmos o tempo geológico. Sabe-se, por exemplo, que há 120.000 anos o nível do mar estava cerca de 120 metros abaixo do atual e que há apenas 5.100 anos ele estava quatro metros acima da posição que ocupa hoje.

Em nosso litoral, o principal agente da erosão instantânea das praias são as tempestades formadas sobre os oceanos. Sua previsão é difícil e o número de eventos que acontecem por ano é variável. Durante o outono e inverno há uma intensificação na formação dos chamados ciclones extratropicais, sendo comum a incidência de ondas grandes nesses períodos. O que aconteceu nestas últimas semanas foi a ocorrência de uma importante sequência de tempestades, o que impediu a retomada do perfil habitual da praia (o retorno da areia) após a primeira grande "ressaca" ocorrida no início de abril. Assim, as porções emersas das praias atingidas estão com pouco sedimento e seus níveis rebaixados, facilitando ainda mais a ação das ondas sobre os alicerces e estruturas rígidas de contenção.

É importante frisar que não são todos os trechos de praia da Ilha de Santa Catarina que estão sofrendo com essa erosão. Os setores mais atingidos são os que se encontram voltados para leste, que foi a principal direção de incidência das ondas recentes. Desta forma, nem todos os trechos das praias da Armação e Barra da Lagoa estão sentindo os efeitos das tempestades. Em diferentes episódios, anos atrás, ondas de

nordeste castigaram trechos localizados mais ao sul dos locais atualmente sob risco, promovendo a queda de postes e destruição de muros. Ainda, em outros momentos praias como a Daniela, que se manteve inalterada nas últimas semanas, foram duramente castigadas.

Mas o que fazer? Infelizmente não muito de imediato... Preventivamente deve-se evitar a instalação de estruturas físicas próximas à linha de costa. Mesmo que haja uma aparente estabilidade no local, eventos extremos e mudanças climáticas podem modificar os regimes de ondas e de formação de tempestades, promovendo o avanço do mar em várias dezenas de metros, sobretudo se a duna for ocupada e sua vegetação suprimida. Emergencialmente, compreende-se a tentativa de contenção pela colocação de sacos de areia e rochas na frente das construções, mas essas medidas são paliativas e pouco eficientes a médio prazo. O posto salva-vidas da Barra da Lagoa, que sofreu um grande reforço estrutural um ano antes de tombar, é um bom exemplo de que isto não funciona. Aliás, embora ofereça alguma proteção temporária, pedras e muros tendem a promover a diminuição da faixa de areia

na sua frente, pois as ondas que incidem sobre eles retornam com mais força, levando consigo os sedimentos para a porção submersa da praia.

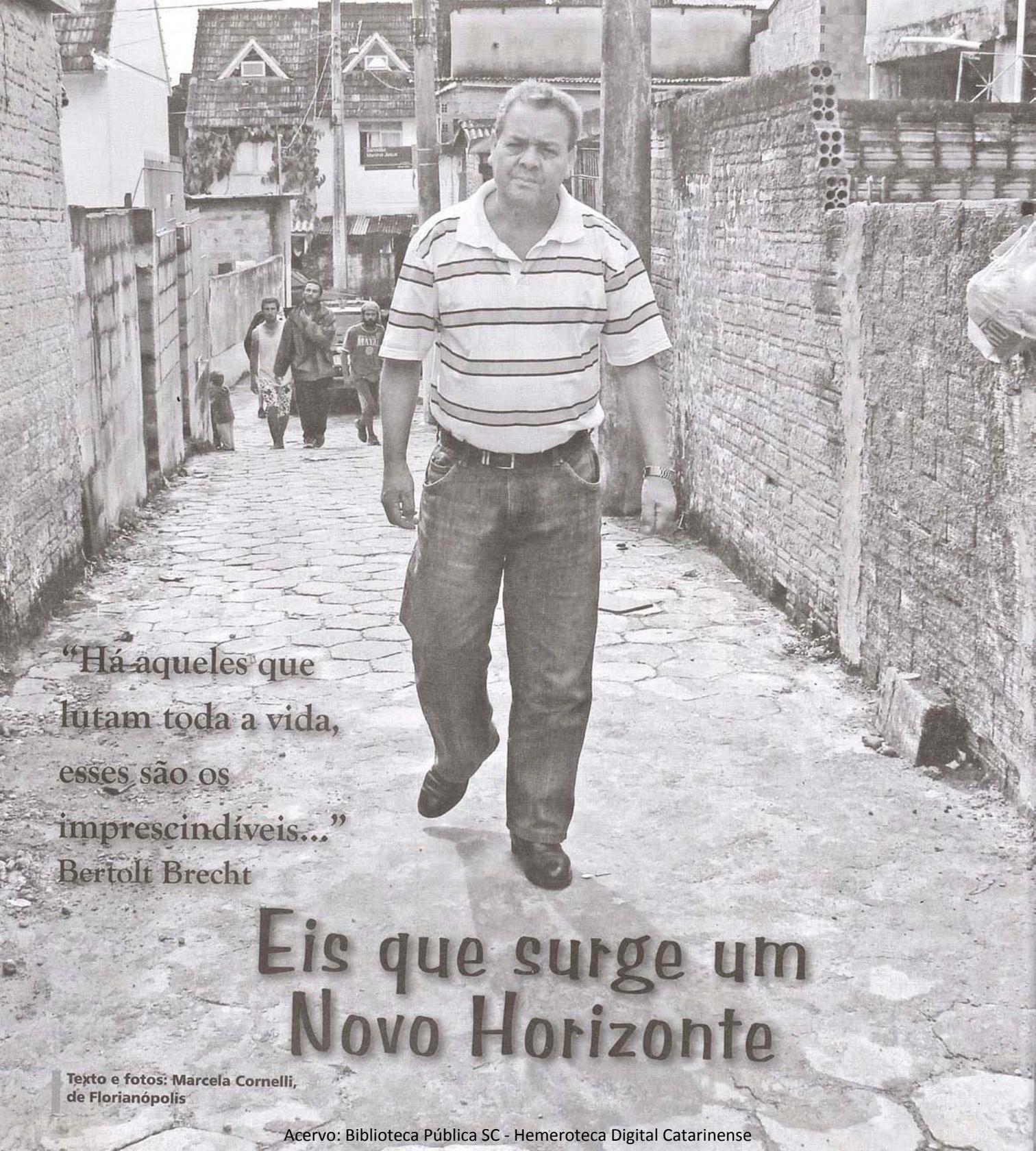
Uma medida que tem apresentado eficiência razoável em várias partes do mundo, incluindo algumas praias do Brasil, é a alimentação ou engordamento da faixa de areia. Para tal, areias são dragadas do fundo marinho e distribuídas sobre a área que está sofrendo erosão. Poderia ser uma solução para setores com erosão crônica, como a praia da Armação, mas é uma tarefa custosa e que requer estudos detalhados para que dê bons resultados. Principalmente, é necessário constante monitoramento e manutenção periódica, com a colocação de mais areia de tempos em tempos.

Portanto, o combate à erosão é uma medida que deve ser tomada administrativamente pelo poder público e com a perspectiva de continuidade e garantia de aporte regular de dinheiro para a sua condução. Ou isso, ou as cenas que vimos recentemente continuarão a se repetir na próxima temporada de tempestades, ainda que em outros locais.

*Professor. Coordenador do Laboratório de Oceanografia Costeira. Departamento de Geociências. Universidade Federal de Santa Catarina. Texto elaborado para o jornal Leste da Ilha (Barra da Lagoa)



Molhe com a passarela na praia da Armação



“Há aqueles que
lutam toda a vida,
esses são os
imprescindíveis...”
Bertolt Brecht

Eis que surge um Novo Horizonte

Texto e fotos: Marcela Cornelli,
de Florianópolis

Quando chegou à Capital catarinense, em busca de uma vida digna para a mulher e os três filhos, Antônio Joel de Paula não imaginava que seria uma das lideranças mais importantes da luta por moradia e vida digna na comunidade que escolheu para viver. Vindo com a família de Caçador, cidade do Meio Oeste catarinense, Antônio chegou a Florianópolis no dia 14 de maio de 1990. “Vim em busca de estudo para meus filhos”, conta. Em julho deste mesmo ano, num dia frio de inverno, um pequeno pedaço de chão foi ocupado. Famílias ali construíram barracos, no início de lona, depois de madeira. Famílias vindas do interior, como a de Antônio, fincaram raízes na terra que deveria ser de todos. E que agora lhes pertenceria, não pelas leis estabelecidas por quem detém o capital, mas pelo direito conquistado na luta do povo sofrido. E eis que surgiu a Novo Horizonte, comunidade que abrigou a família de seu Antônio, dois anos depois.

Mas, antes de chegar à Novo Horizonte, Antônio percorreu um árduo caminho. Como muitas famílias que vêm do interior para tentar melhorar de vida na Capital, a família de Antônio chegou só com a roupa do corpo, mas trazendo na alma a vontade de vencer. “Se lá no interior tivéssemos as condições necessárias para sobreviver, na época, não teríamos vindo pra cá. Sinto saudades da vida no campo, do meu pai. Mas aqui também pude ajudar muitas pessoas”, reflete Antônio. “Hoje em dia falo para os meus filhos que eles têm oportunidades e não sabem aproveitar. Eu não tive oportunidades. Se eu tivesse as oportunidades que eles têm, se meu pai tivesse dinheiro naquela época e tivesse dado condições para estudarmos, eu garanto que teria tido outra vida. Eles perguntam o que eu gostaria de ser e respondo que um advogado. Este foi um sonho que não pude realizar, mas, graças a Deus, com aquilo que eu aprendi eu hoje contribuo de alguma forma com as pessoas”, completa.

“Derrubar árvores era uma questão de sobrevivência”

Em Caçador, onde viveu sua infância, Antônio trabalhava como montador numa indústria de móveis e ajudava o pai a derrubar árvores para uma madeireira local. Teve uma infância humilde. Até hoje ele se lembra de um tronco de árvore que seu pai e ele levaram dias para derrubar. O trabalho era uma questão de sobrevivência da família pobre, a exemplo de muitas que dependiam e ainda dependem do emprego em madeiras para ganhar o pão. “Derrubar árvores era uma questão de sobrevivência da nossa família”, lembra. Hoje, com 59 anos, Antônio, ou seu Toninho como também é conhecido na comunidade, vê de maneira diferente a questão ambiental. Mesmo trabalhando oito horas por dia como zelador num prédio no Centro da cidade, ele ainda arruma tempo para militar pelas causas ambientais na comunidade Novo Horizonte. Antônio foi um dos fundadores da Acamoc (Ação Comunitária Ambiental do

Monte Cristo), através da qual foram organizados mutirões com as famílias para educar os moradores e ensinar como armazenar corretamente o lixo na Novo Horizonte e nas demais comunidades empobrecidas, no total nove, que formam o Bairro Monte Cristo, às margens da Via Expressa em Florianópolis.

A juventude em Caçador também foi dura. “Quando eu entrei na indústria moveleira fiz curso de montador e de marceneiro. Eu sofri muito com o passar do tempo, trabalhando em serviços pesados. Tinha dias que eu chegava tarde à casa de meus pais e chorava só de ver minhas mãos calejadas e com cortes. Eu parei de estudar”.

“Futebol o patrão deixava”

“Sempre tive o senso de lutar por uma vida melhor. Achei participando do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Moveleira da cidade. Nós nos organizávamos como podíamos. Criamos um time de futebol e eu ajudava a organizar os campeonatos. Futebol o patrão deixava, mas quando falávamos nos nossos direitos, aí a briga ficava feia”.

Seu envolvimento com o sindicato na juventude o ajudou na organização da luta na Novo Horizonte. Apesar de não ter participado da noite da ocupação, logo que chegou à comunidade foi chamado pelas lideranças que coordenaram a ocupação a juntar-se na luta por moradia. O local não tinha água encanada, nem luz, nem esgoto. “Aos poucos foram construídos os primeiros barracos. Depois conquistamos a água, a luz e o esgoto. No início da ocupação, o lixo não era recolhido pela Prefeitura e era depositado de maneira indevida pelos moradores na frente das casas e pelas ruas. Eu e outras lideranças comunitárias realizamos mutirões de conscientização com as famílias. Hoje o lixo já é recolhido nas casas. Avançamos muito, mas ainda não temos direito ao nosso pedacinho de chão. A Prefeitura construiu casas populares, dentro do projeto Habitar Brasil, mas não atingiu as necessidades da comunidade e também não temos a regularização dos terrenos”, diz Antônio.

“Junto ao lixo, as questões do meio ambiente também passaram a ser vistas com mais cuidado aqui no bairro, como, por exemplo, o tratamento do esgoto. Não é uma rede de primeiro mundo, mas tem servido às famílias. A educação também passou a atender melhor as comunidades do Monte Cristo, há escola e projetos para acompanhamento de crianças e adolescentes. Claro que estes projetos e escolas precisam melhorar ainda o atendimento às necessidades das pessoas que aqui moram, mas sempre com luta e organização é possível buscarmos melhorias”, complementa, otimista.

“Meu sonho era conhecer Brasília”

“Sonho mesmo que eu realizei na minha vida foi conhecer a Capital Federal. Eu nunca pensava em chegar lá. Duas vezes

eu estive em Brasília. Foi um grande sonho, caminhar na frente da Esplanada e depois dentro do Congresso”, diz Antônio. Em 2001, ele e outras lideranças de Florianópolis da luta por moradia popular foram para Brasília ajudar na discussão do Projeto Habitar Brasil/BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). As casas construídas na comunidade na administração da então prefeita Ângela Amim (PP) não atenderam às necessidades das famílias. “O projeto previa a construção de casas com 32 metros quadrados para cinco pessoas. Com muita luta, protestos, pressão em Brasília e ajuda de professores e profissionais da Universidade Federal, como o professor Lino Peres, do curso de Arquitetura da UFSC, conseguimos apresentar um novo projeto e aumentar as casas populares para 63 metros quadrados. Mesmo assim, as casas ainda são pequenas, não têm estrutura adequada para famílias que possuem pessoas com deficiências físicas e idosos. Não há espaço, nem terreno para fazermos uma pequena horta. Aliás, o terreno ainda é de posse e não está regularizado. Não somos donos da terra onde moramos. Há também muitas pessoas que vivem aqui de forma precária e ainda de aluguel. O Habitar Brasil nem de longe resolveu os problemas de moradia. E agora, com o Minha Casa Minha Vida, também não acredito que muito vá se resolver. Não, enquanto não tivermos políticos realmente comprometidos com o povo. Não, enquanto eles tiverem compromisso só com os empresários da construção civil. O Lula prometeu muita coisa que não cumpriu, como a construção de moradias mais dignas no campo e na cidade”, desafaba.

E continua: “eu sempre questioneei e lutei pela questão da moradia. Esta foi sempre uma preocupação minha. Eu acompanhei em Cariacica, no interior de Espírito Santo, a construção do Projeto Habitar Brasil/BID. Fiquei quatro dias na cidade envolvido na discussão entre comunidade e governo. Foi a comunidade que escolheu o estilo, o modelo das casas. Meu engajamento maior nesta luta começou no Fórum Social Mundial de 2003, quando participei de várias oficinas. Numa delas, sobre moradia, fui convidado a participar do debate entre oito cidades que haviam tido experiências com orçamento participativo. Então, eu coloquei como estava a situação aqui em Florianópolis nas comunidades onde houve ocupação organizada”, lembra.

“A prefeita bateu na minha porta”

“Não me recordo o dia da semana. Tínhamos voltado de Brasília. Isso era em 2001, eu acho. Era noite quando vi dois carros pararem à porta da minha casa. De um deles saiu a então prefeita da cidade Ângela Amim e do outro carro saíram os seguranças. Eu disse que a casa era de gente pobre, mas que ali não precisava de seguranças. Os seguranças então ficaram do lado de fora e a prefeita entrou. Ela já veio cobrando: ‘seu Antônio, não precisava ir até Brasília para reivindicar por moradia’. Eu então disse a ela que por várias vezes não fomos ouvidos

nem atendidos e que a pressão em Brasília era necessária. Disse também que no governo anterior ao dela, da Frente Popular, sob o comando de Sérgio Grando, tínhamos o orçamento participativo (na época eu era conselheiro representante do bairro) e que naquele governo sim as comunidades tinham voz e vez. Ela então foi embora”, recorda.

“A gente não quer só moradia, quer viver bem, quer lazer e cultura”

“Morar bem não é só ter uma casa. Precisamos ter no bairro lazer e cultura também, transporte público de qualidade e saneamento básico. Um dos maiores problemas que ainda enfrentamos aqui no bairro é a falta de áreas de lazer para os jovens. Muitos deles estão entrando para o mundo do tráfico. Falta incentivo, cultura e lazer para estes jovens”, comenta Antônio. Como pai de dois filhos que já estiveram envolvidos com problemas de tráfico e violência na comunidade, Antônio não consegue se conformar com a falta de oportunidades dadas aos jovens de comunidades empobrecidas, como os jovens do Monte Cristo. Para amenizar esta situação no bairro, ele ajudou a fundar o Juventude Esporte Clube e é assessor da Pastoral da Juventude do Mero Popular (PJMP). Uma das lutas em que Antônio esteve à frente na comunidade foi para a conquista de um terreno ao lado do bairro. O terreno tem 22 mil metros quadrados e estava abandonado. Depois de muita luta e mobilização da comunidade, eles conquistaram, no ano passado, uma área de 16 mil metros quadrados para a construção de uma área de lazer, com quadras de esporte e passeio para bicicletas e pedestres. “Nada veio de graça. Muitas lideranças lutaram para termos esta conquista”.

Se a luta acabou aqui? Não para homens como seu Toninho. “Muitas lideranças comunitárias se deixam cooptar pelo poder público. Eu acredito ainda na luta popular como forma de transformar este País. Eu não quero ver mais os jovens da minha comunidade sem estudo e/ou perspectivas, nem as famílias sem moradia digna. Estas situações ainda precisam ser enfrentadas aqui no bairro”.

Seu Toninho é um exemplo de luta por vida boa e bonita para todos, bem no espírito *Pobres & Nojentas* de ser. Agora, com a ajuda da educadora Sandra Crochemore Ribes, que já editou, com a ajuda da *Pobres & Nojentas*, o livro “Mulheres da Chico”, está colocando no papel toda a sua trajetória de luta por moradia popular e também a história da comunidade Novo Horizonte. A ideia é publicar um livro sobre a luta deste povo sofrido que faz a cidade, e o País andarem. Quem tiver interesse em contribuir para a publicação do livro pode fazer contato com a Sandra, pelo endereço eletrônico: sandracrochemore@hotmail.com. Esta é mais uma bela história de luta e resistência à espera de um livro.

Fotos: Marcela Cornelli e arquivo da comunidade



No Centro: Antônio com a mulher, filha e neto. Abaixo, à esquerda, no início, muitos problemas com o lixo, o saneamento e a falta de áreas de lazer. E acima, à direita, algumas conquistas da luta: habitação, área de lazer e ruas calçadas

Florianópolis vive nova luta por mobilidade urbana

Texto: Elaine Tavares
Fotos: Luís Henrique Prates,
de Florianópolis

A
rua
caminha
se
tu
te
moves

(grafite no muro)

Ato na frente da Câmara de Vereadores em maio

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A mulher passou ligeira pelo meio da massa humana que lotava a frente do terminal. Era um final de tarde de maio de 2010. Cara fechada, ela apertava a bolsa no peito enquanto se desvencilhava das mãos que insistiam em repassar um panfleto. Zangada, ao sair do rebuliço, ela não se conteve: "bando de vagabundo". Tampouco eu pude conter a ira. Segui seus passos apressados e perguntei.

- A senhora se lembra que em 2004 a Angela Amin queria aumentar a tarifa do ônibus para três reais?

-Não!

- Pois é, queria. E foi esse povo aí que não permitiu. A tarifa até hoje não chegou aos três reais por conta dessa luta. Não é bom pra todo mundo? Agora o Dário quer fazer isso. Essa gurizada tá lutando por todos nós.

- Que se danem!

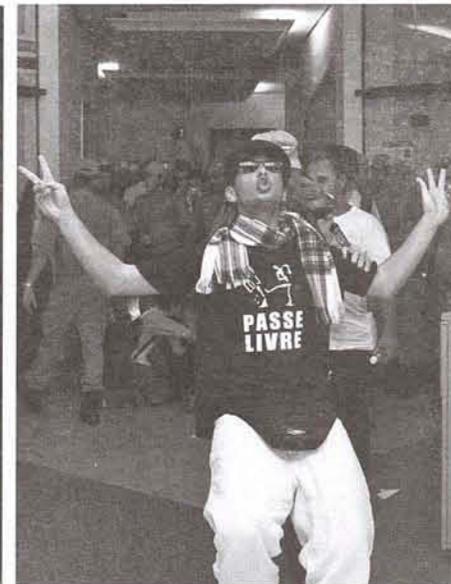
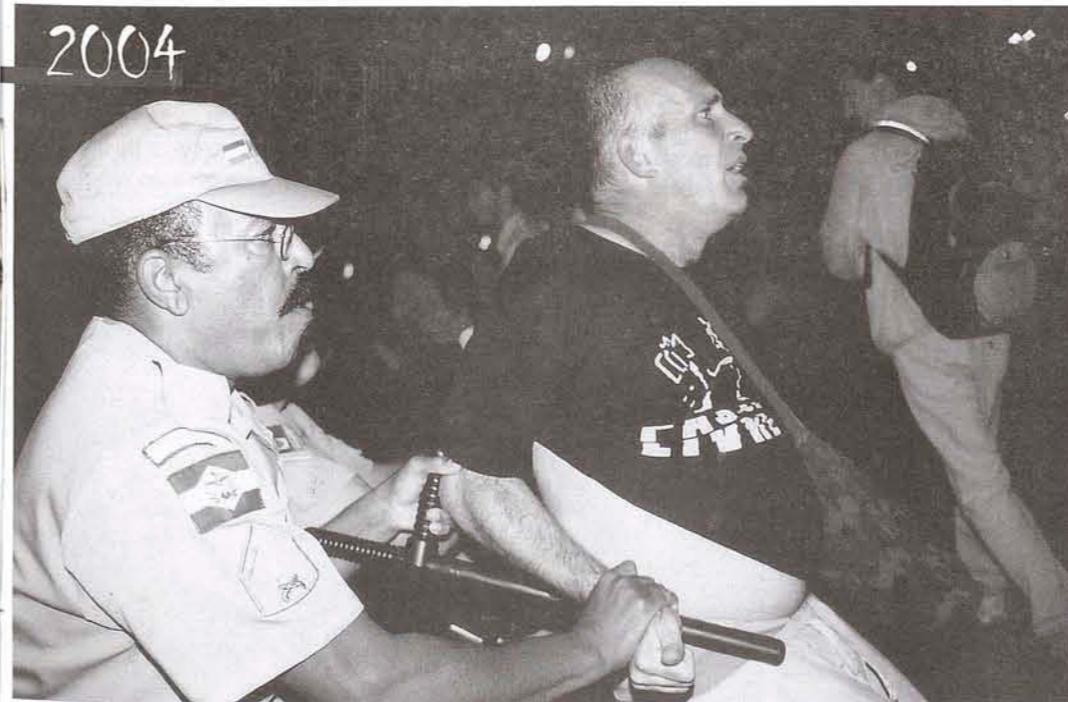
Diante da violência sem sentido, desisti e voltei para a massa de gente que principiava mais uma caminhada contra o aumento das tarifas. Meninos e meninas secundaristas, com aquela vivacidade só capaz nos jovens, universitários, sindicalistas e gente de toda sorte que continua firme na luta social. A mulher mal-humorada deve ter entrado no seu ônibus e ido para casa ruminando bÍlis. Difícil compreender essa gente que não consegue ver, que prefere a servidão voluntária, que se recusa a gritar por direitos.

Um povo em rebelião

A luta contra o aumento das tarifas colocou o povo de Florianópolis na rua em 2004 no que ficou conhecida como a "Revolta da Catraca". Era o mês de junho e a prefeitura anunciava um aumento de mais

de 15% na tarifa que, àqueles dias, chegara a 2,60. Sem que ninguém chamasse, as gentes abriram uma segunda-feira em rebelião. Paravam terminais, trancavam ruas, explodiam em indignação. A cidade tinha passado por uma mudança total na mobilidade urbana no ano anterior, com a inauguração de vários terminais e um projeto chamado de "integração". Mas integração mesmo não havia. O que aconteceu foi o mais do mesmo. Ou seja, perdia o povo e ganhavam os empresários da construção e do transporte. Trajetos que eram feitos em 40 minutos passaram a durar mais de duas horas. A alma das gentes trabalhadoras era um caldeirão.

Com uma sensibilidade de elefante a então prefeita Ângela Amin anunciou um aumento. Foi demais. Transbordou a ira guardada para os resmungos nos terminais de "integração". A revolta explodiu.



Ao lado, Luiz Correia, o Poeta, conhecido lutador social de Florianópolis, é detido. Acima, manifestante é expulso da prefeitura, em 2004

Em poucos dias os protestos, primeiro espontâneos e depois comandados pelo movimento dos estudantes, conseguiam reunir milhares de pessoas. Imediatamente, o movimento pelo Passe Livre, que já estava sendo tocado pelos estudantes desde o ano anterior, assumiu o comando das lutas. A proposta era barrar o aumento e, de quebra, garantir a tarifa livre para todos os estudantes.

Como normalmente ocorre quando o povo se levanta, logo veio a repressão. A polícia ocupava o terminal e tentava impedir a manifestação das gentes. Muitos estudantes e populares acabaram presos, machucados e humilhados. Até o fotógrafo Claudio Silva da Silva, então no Diário Catarinense, foi preso por simplesmente registrar em fotografia a violência policial, e ainda acabou punido pelo jornal, sendo demitido por justa causa. Foi um ano de rebelião e mexeu com a vida da cidade. Desde aí a luta pela mobilidade urbana só cresceu.

Os protestos, que chegaram a levar mais de 10 mil pessoas às ruas, conseguiram barrar o aumento, a prefeitura voltou atrás. Mas, com o passar do tempo, o próprio movimento foi percebendo que discutir unicamente o valor da tarifa não era suficiente. A situação do transporte coletivo em Florianópolis seguia o rumo do caos. Poucos ônibus, poucos horários, trajetos irracionais, demora nos terminais, um terror. Por conta disso foi criado um

Fórum de Luta, juntando os estudantes, sindicatos e movimentos populares. O sistema na sua totalidade passou a ser questionado, assim como a forma ilegal com que a prefeitura agia, sem fazer licitação para a concessão das linhas urbanas. Muitos foram os debates e os protestos.

No ano seguinte, os estudantes voltaram às ruas, incorporando as pautas da cidade, além da reivindicação do passe livre. E, mesmo entre eles, já se configurava outra proposta que era a da tarifa zero para todos, ideia capitaneada pelo arquiteto paulista Lucio Gregori, de São Paulo, que já tinha tornado real essa ideia no governo de Luiza Erundina. Segundo ele, o transporte público é um serviço público e, como tal, deve ser prestado com custo zero para a população que, no mais das vezes, só faz uso do coletivo para trabalhar. É o tal do direito de "ir e vir" levado realmente em consequência.

A ideia de tarifa zero ultrapassou os limites do movimento estudantil e começou a ser discutida pelos sindicatos e movimentos populares. Mas, com o passar do tempo, a vida seguiu seu rumo e cada qual foi se fechando em questões particulares. Só que os problemas do transporte coletivo seguiram aparecendo e aumentando a indignação do povo de Florianópolis. Novas mobilizações aconteceram em 2006, 2007 e 2008. Algumas das reivindicações do movimento foram incorporadas pela prefeitura. Tarifa única, faixas exclusivas

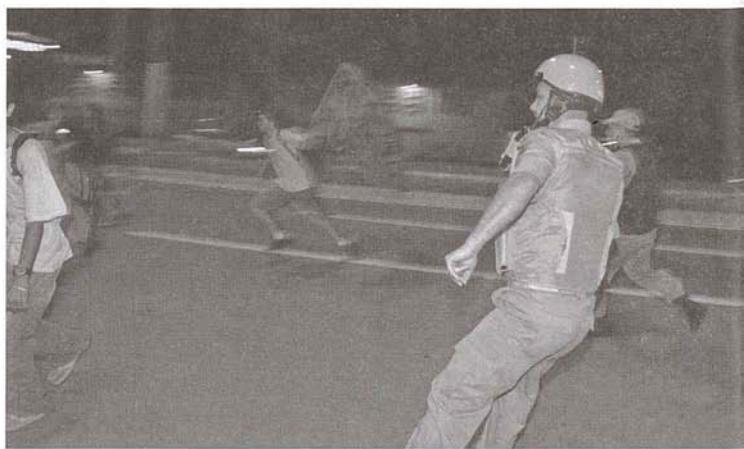
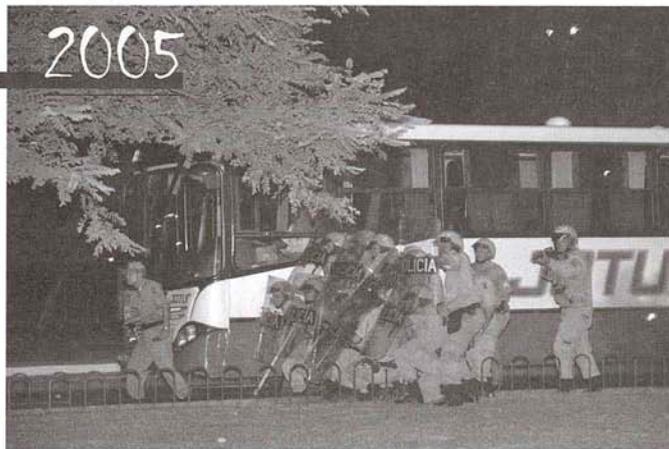
para os ônibus, fechamento da Paulo Fontes. Mas, mesmo assim, o transporte continua ruim e a tensão com relação a ele voltou.

Nova revolta em 2010

Marcelo Pomar foi apontado pela imprensa e pela polícia militar como um dos líderes da Revolta da Catraca, em 2004, motivo pelo qual ele chegou a responder a processo, uma vez que virou coisa comum o sistema criminalizar as lutas sociais. Mas ele não entende assim. "Aquele foi um movimento de toda a gente. Ocorre que eu me manifestava nas assembleias e já vinha da campanha pelo Passe Livre, aí eles tinham de encontrar alguém para apontar como liderança".

Agora, em maio de 2010, novas lutas contra o aumento da tarifa explodiram. Quando tudo parecia tranquilo na cidade, com as reclamações contra o transporte relegadas outra vez às filas dos terminais, a prefeitura anunciou um aumento. A tarifa iria para 3,05, saindo dos 2,80. O movimento estudantil saiu à frente outra vez. Com o aumento anunciado para um domingo, o povo foi às ruas já na sexta-feira, prenunciando que se a prefeitura não voltasse atrás, o "amanhã seria maior". "Eu não tinha certeza de que encontraríamos agora uma geração rebel-

PM usa armamento pesado contra estudantes



Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

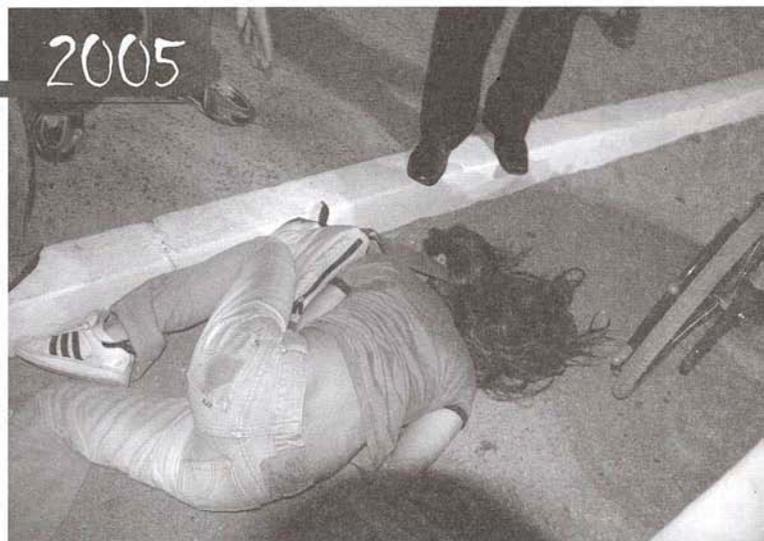
de como aquela de 2004, que vinha de uma luta pelo Passe Livre. Era outro tipo de estudante, com outras formas de luta. Eles acabaram fazendo um movimento diferente também”, diz Pomar. Ele acredita que o resultado das lutas deste 2010 é a aparição de uma qualidade superior no movimento. Os estudantes superaram o particularismo e já começam a discutir um projeto global de mobilidade urbana. “Isso tudo foi fruto de 2004”.

As mobilizações deste ano fizeram com que a ideia inicial da prefeitura de levar a tarifa para 3,10 não se concretizasse. No domingo esperado, o aumento imposto foi um pouco menor, com a tarifa passando de 2,80 para 2,95. Já foi uma demonstração de força da luta, mas o povo queria mais. E por isso vieram novas manifestações de rua. Só que o sistema de repressão também saiu em um nível superior. “Eles conseguiram melhorar suas táticas”, afirma Pomar. A tática da polícia militar foi colocar centenas de policiais nas ruas, formando cordões de isolamento na manifestação. Assim, o povo que se manifestava ia cercado por milicos, num estado permanente de tensão. Cavalos, cachorros, armas de choque, gás pimenta, cassetete, tudo estava ali, em cima do povo, pronto para ser usado. Mesmo assim, a cidade seguiu saindo para as ruas por dois meses seguidos, mostrando que se o aumento tinha acontecido, ele não era bem vindo.

Mobilização popular no Centro da Capital

O incrível é que enquanto tudo isso acontecia na cidade, com estudantes sendo presos e muita repressão, o prefeito Dário Berguer seguia escondido. Quem falava na televisão sobre o movimento contra o aumento da tarifa era o comandante da polícia militar. Parecia que a administração do município não tinha nada a ver com isso. Uma omissão que não deve ficar sem resposta.

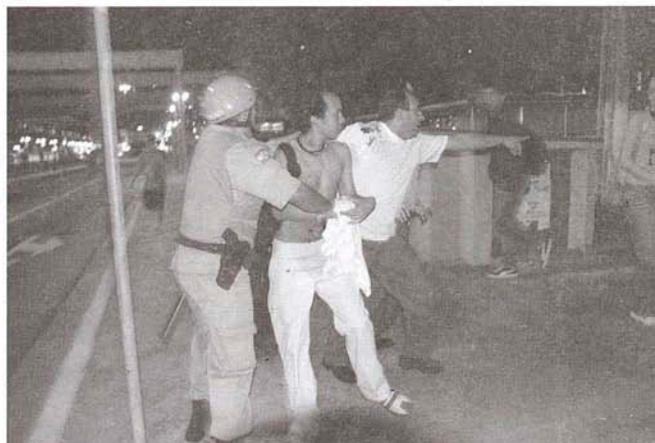
O povo que viveu mais esta movimentação por um transporte de qualidade na cidade saiu das ruas, mas isso não significa que a luta acabou. Há um projeto sobre a licitação andando na Câmara de Vereadores, há coisas para melhorar no sistema de transporte, há uma discussão sobre o direito de ir e vir na cidade, que merecem atenção. Por isso, está sendo formado novo Fórum de Debates envolvendo estudantes, sindicatos e movimentos populares. O povo em luta sabe que ainda há debilidades. Como bem avalia Marcelo Pomar, ainda não há uma boa articulação com o Sindicato dos



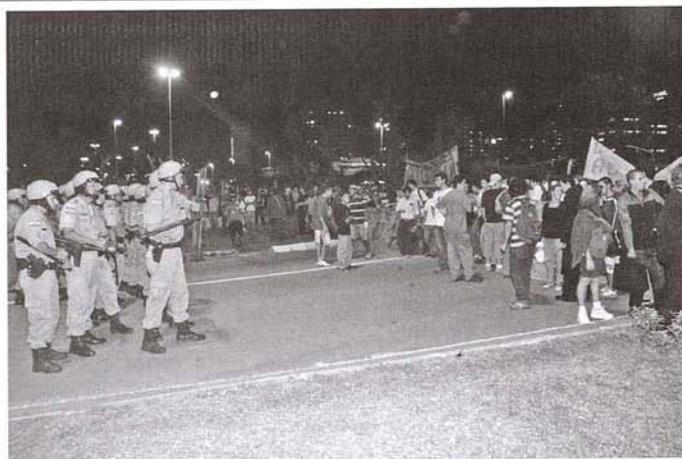
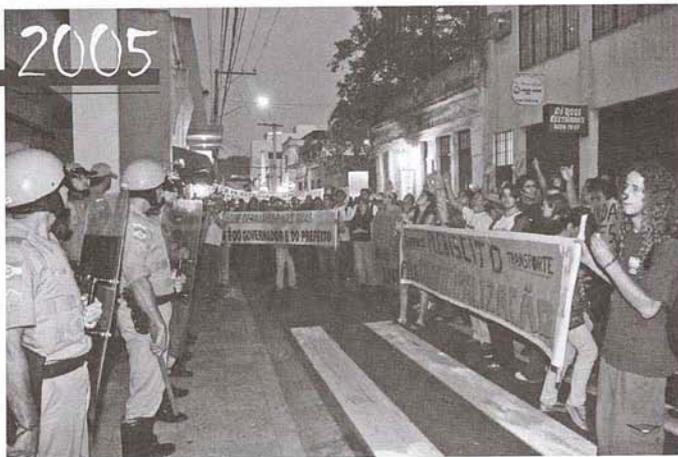
Mulher desmaia depois de ser atingida por gás lacrimogênio

Motoristas e Cobradões, falta envolvimento dos políticos de esquerda com o processo de licitação, mas isso pode ser superado. “O que importa é que tem um povo que sempre aparece nesses momentos de manifestação e luta, e é um povo que melhora qualitativamente na compreensão do que deva ser o processo de mobilidade urbana. Isso é um ganho do movimento”. Marcelo Pomar é otimista. Ele acredita que em uns 10 anos a cidade conseguirá fazer vingar a tarifa zero. “E o tarifa zero não se trata de não se pagar o transporte. Alguém paga, mas não tem de ser os trabalhadores”.

Polícia prende Marcelo Pomar



2005



2007



Para Diógenes Breda, estudante da UFSC, as mobilizações deste ano foram vitoriosas porque conseguiram outra vez colocar em pauta na cidade a questão da mobilidade urbana e reunir os movimentos estudantil, popular e sindical numa única frente. "Foram mais de dois meses de protestos na rua. Não conseguimos baixar a tarifa, mas rearticulamos a Frente de Luta pelo Transporte. Agora

vamos avançar na formação, fazendo debates nas escolas, e vamos iniciar uma ofensiva contra a repressão policial que foi, como sempre, violenta". É um trabalho de formiguinha, mas que, com certeza, vai forjando o povo para novas lutas. Um povo que, também, certamente, será diferente da mulher com sua bolsa apertada ao peito, cheia de violência contra aqueles que lutam por vida melhor.

2010



Acima, em julho de 2005, na frente da Prefeitura, PM e manifestantes e, em agosto de 2005, PM faz barricada para impedir acesso às pontes. No meio, em fevereiro de 2007, o Bloco da Caixa-Preta fez a crítica no Carnaval. Ao lado, em maio de 2010, confronto na avenida Mauro Ramos

Sai daí, guri!

Texto: Wilson Werle,
de Florianópolis

Nessas reflexões humoradas que se faz na vida, aparecem coisas interessantes. O Orival, meu colega de Banco (sou funcionário do Banco do Brasil há trinta anos), solicitou que eu escrevesse algo para colocar em seu jornal interno, sobre “talentos da casa”. Certamente ele classificou de “talento” o hobby que tenho, de construir aviões e voar. Foi aí que eu parei para pensar: até onde isto é “talento” ou “persistência”.

Tive uma infância feliz. Minha mãe é que dava conta da turma (somos cinco), pois meu pai, motorista de caminhão, estava sempre viajando. Personagem humilde, presente pelo carisma: correto, divertido e sempre muito esperado. Meu avô, que morava com a gente, tinha uma ferraria; e meus tios, marcenaria e oficina mecânica. Isso tudo estava lá na quadra de casa. E nós, meninos (eu e meu irmão), crescemos nesse meio.

Dos nossos dias, parte era na escola e, fora dela, obviamente ficávamos azucrinando meu avô na ferraria, ou o tio Ivo na oficina mecânica. O fato mais interessante que guardo na memória foi quan-

do, creio que devia ter uns oito anos, lhe fiz um desafio. Ele estava às voltas com um motor de fusca para consertar, e como não dava certo, passou a destratar-lo, naqueles esbravejamentos de ocasião. Aí, fui para perto dele e disse: “Tio, eu ainda vou construir um avião com motor de fusca”. Meu tio parou, olhou para mim e retrucou naquela voz de autoridade no assunto: “Sai daí, guri. Vai te criar. Onde é que já se viu isso?” Aquilo parecia ideia de maluco, pois o mais perto que eu havia chegado de um avião foi vê-los passar muito alto, sem sequer os escutar. Na verdade, numa das tantas histórias contadas por meu pai, ele disse que um amigo lhe contou que havia um senhor no Rio Grande do Sul que construiu um avião.

O tempo foi passando, e na minha Itapiranga (fronteira com Argentina e Rio Grande do Sul – início de Santa Catarina), o topo da carreira escolar era formar-se Técnico em Contabilidade, e o melhor emprego que a cidade oferecia era ser funcionário do Banco do

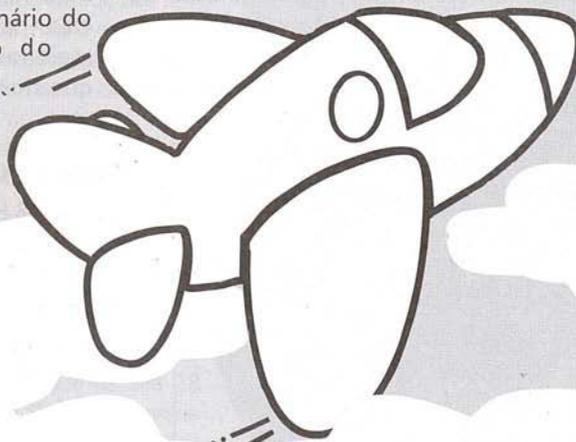
Brasil. E eis que deu certo. Com 22 anos consegui transferência para Florianópolis, quando vim com a intenção de continuar os estudos. Chegando aqui, numa passada pela BR-101, vi uma pequena placa de indicação que dizia “Aeroclube”. Minha dedução foi de que se tratava de alguma coisa ligada a aviões. Deu um trabalho danado, pois ninguém conhecia, e depois de algum tempo, consegui contato. Tratava-se de uma escola de formação de pilotos, na qual fui aluno, fiz as habilitações, cheguei a instrutor. Cheguei a cogitar ser profissional da aviação, mas optei pelo Banco, por me oferecer maior estabilidade.

Em 1986, lá no Aeroclube, tive um amigo, cuja esposa era norte americana, que trouxe uma novidade. Ele contou que lá era comum as pessoas construírem seus aviões, através de plantas ou kits que adquirem, e ele até possuía o prospecto de uma delas. Aquilo me impressionou da mesma forma que a história do meu

pai. Se eles fazem, porque eu não? Imediatamente solicitei o prospecto ao meu amigo, que se prontificou inclusive de conseguir a importação da tal da planta.

Quando peguei o prospecto, fui analisar suas especificações, qual foi minha surpresa? É isso mesmo, o motor especificado estava lá, o próprio: de fusca. Importamos a planta. Aí os problemas começaram: materiais diferentes, desconhecidos, outra língua, descrédito da atividade, enfim, uma enormidade de assuntos a serem estudados e solucionados. Após cinco anos de construção (em 1992), voou o primeiro (esse da planta). A partir daí, vieram os projetos próprios, e hoje já são vários, mais os que virão.

E agora, começo a perceber a dúvida. O que disto tudo é talento? O meio não ajuda? Separa-se da persistência? Quanto vale a oportunidade? Talvez eu tenha tido a oportunidade de perceber e aceitar as duas atividades que a vida me ofereceu: aquela que a circunstância me proporcionou e a que o coração escolheu.





as delícias de
Su&Li

Sopa entre amigos

Sou adepta à ideia do “bom contágio”. Se leio um livro, por exemplo, e consigo convencer mais alguém a lê-lo, tenho o prazer da leitura ampliado com a oportunidade de comentar sobre a obra e partilhar sensações.

Assim, quando percebo que minha mania de escrever histórias e partilhar receitas acaba contagiando pessoas à minha volta, fico deveras feliz!

É o caso da receita desta edição, o segundo “acesso” de contadora de histórias de minha amiga Mônica Funfgelt, sobre quem acredito, de verdade, eu possa contagiar também com algumas boas manias...

Todas as segundas-feiras deste semestre tenho um hóspede.

Um amigo que vem para estudar e dar aulas e que eu recebo com muito carinho na minha casa em Coqueiros. É sempre uma expectativa o que vamos jantar, se cachorro-quente prensado – aquele ali em frente à Caixa Federal que, aliás, é o melhor cachorro-quente prensado que eu já comi em toda minha vida – um pãozinho com presunto e queijo, acompanhado de um chazinho adoçado com mel ou agora, nestas noites frias e ventosas de inverno, uma deliciosa sopa.

Resolvi que nesta segunda seria sopa. Uma sopa sempre aquece o estômago e o coração.

Capeletti. Esta foi a escolha.

Os capelettis, que lá no interior do Rio Grande do Sul chamamos de agnolines, são feitos de uma massinha triangular com recheio de frango ou de carne e necessitam de muita prática para serem feitos. Rapidez e precisão para torcer suas pontas e formar uma espécie de envelopinho são requisitos para preparar a iguaria. Aprendi com minha professora de culinária, ainda no ensino fundamental. Hoje em dia, passo na casa de massas e levo pra casa prontinhos para irem à panela.

Bem, voltando ao meu hóspede e à sopa. Ao chegar em casa ontem, comecei a prepará-la. Numa panela de pressão coloquei a carne em cubinhos, piquei uma cebola, juntei alguns dentes de alho e, por fim, umas cenouras.

Deixei cozinhar num fogo bem baixinho para que o sabor de todos os ingredientes ficasse bem marcado. Aos poucos um aroma delicioso ia tomando conta da cozinha, da sala, do corredor. Cheirinho de inverno.

Passado um tempinho provei a sopa. Estava realmente maravilhosa. Acertei o sal e adicionei os capelettis. Mais quinze minutos cozinhando e a sopa estava pronta.

A esta altura meu hóspede já tinha chegado e estava faminto.

Pus a mesa do jantar. Nos sentamos e ele se serviu. Para acentuar o sabor, salsinha picada e queijo parmesão ralado.

“Hummmm, delícia esta sopa, era o que eu estava precisando para me esquentar.”

Nosso encontro de segunda à noite mais uma vez foi cheio de conversas animadas. O calor da sopa foi só mais um ingrediente na mais valiosa de todas as receitas: a amizade que nos alimenta a alma.

Sopa de Capeletti

300 gr de capeletti de carne;
300 gr de carne (acém) cortada em cubos;
1 cebola média picada;
4 dentes de alho;
3 cenouras cortadas em pedaços pequenos;
sal a gosto;
cozinhar na panela de pressão em fogo baixo, com água até a metade.



De um golpe, Honduras

Texto: Raul Fitipaldi
Foto: Celso Martins,
de Florianópolis

Da gente de Santa Catarina para a gente de Honduras e em homenagem ao jornalismo libertário, em maio foi apresentado, na comunidade do Campeche, o filme "De Um Golpe, Honduras", produzido em Florianópolis. Dirigido por Aline Razzera Maciel e Pepe Pereira dos Santos, este trabalho indica outra estrada pela qual também pode transitar a mídia alternativa de Florianópolis e do Estado, a elaboração cultural conjunta dos meios alternativos. Coincidentemente, enquanto no Sul da Ilha se apresentava o filme a uma nutrida plateia, também uma nutrida participação tinha o Seminário organizado pela Agência Contestado de Notícias Populares em São Miguel do Oeste: fundava-se a Rede Popular Catarinense de Comunicação – RPCC. Outra união de vontades que liga os meios de comunicação livres e independentes, tal qual ocorreu com o filme.

A Revista Pobres & Nojentas, junto com o Portal Desacato, a AGECON e a Rádio Comunitária do Campeche, estiveram presentes em ambas as construções. No caso do filme, a Rádio, através da primeira produção da ARCCA – Associação Rádio

Comunitária do Campeche, foi a produtora exclusiva do filme, com a concordância do autor e a colaboração do Sinergia. Precisa-se destacar a contribuição das famílias Di Migueli e Barros, que emprestaram casa e equipamentos para a filmagem e edição do filme.

Falemos do filme enquanto tal:

"A esposa do jornalista Roberto Piqué o abandona e este fica sem motivação para sobreviver à perda. De fato, depois de 20 anos de união, sua esposa Bibi deixou todos seus pertences, se explicou através de uma carta sucinta e nervosa, e, tempo depois, começou a aparecer periodicamente apenas via online. Cada vez que uma mensagem chega ao seu computador, fica tenso. Nunca mais a escutou, a viu ou recebeu nada material que confirme sua existência, além da virtualidade.

Numa quinta-feira, enquanto escutava uma alocação do presidente da Venezuela e preparava um artigo sobre o diploma de jornalismo no Brasil, recebeu um e-mail desde o México onde lhe avisavam que no domingo seguinte, dia 28 de junho de 2009, haveria um Golpe de Estado em

Honduras, golpe no qual nem o presidente daquela nação centro-americana acreditava. Roberto, chocado pela notícia, começa a procurar enlaces para saber o que acontece diretamente em Honduras. No dia do Golpe, às 11 horas do Brasil, lhe repassam o endereço de Rádio Planeta Honduras. A partir desse momento, Roberto começa a vincular-se ao processo brutal pelo qual passa o Povo Hondurenho e o acompanha ativamente, às vezes com a jornalista Elaine Tavares e a escritora Urda Klueger, outras com o jornalista Celso Martins, numa resistência virtual que continua até que recebe na sua cidade um dos colegas jornalistas da rádio da Resistência."

Quais são os fatos reais e os que são fruto da ficção biográfica? Interessante ver como na Pobres & Nojentas 22 e no blog Honduras é logo ali! há indicativos da trama real da peça.

Formam parte do elenco, entre outros: Matias Garcez, Sigval Scheitel, Carina Scheibe, Raul Fitipaldi, Elaine Tavares, Joana di Migueli, Karine Wandy e Francielly Freitas.

A direção fotográfica é de Marco Nascimento, a música, criada e executada especialmente para o filme, é de Fred Malverde, e a fotografia jornalística é de Ronnie Huete Salgado e Celso Martins. A edição é de Samanta Barros.

Colaboraram, entre outros, Gustavo Tirelli, Glauco Marques, Priscila Lopes, Vanessa Bortucan, Tomás Fontan, Míriam Santini de Abreu, Sílvio Smaniotto e Carlos H. Pianta.

Os veículos que colaboraram com o filme: Rádio Campeche, TV Floripa, Portal Desacato, Revista Pobres & Nojentas, Honduras é Logo Ali!, Sambaqui na Rede, Rádio Globo Honduras

Abaixo, equipe envolvida na produção do filme



Ficha Técnica: Vídeo Colorido e P&B de 60 minutos.

Formato - DVCAM

Apto para todo público

Legendas em espanhol e português

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lições para fazer arder o fogo da comunicação



Texto: Elaine Tavares
Fotos: Jilson Souza,
de Florianópolis

Chove no Meio-Oeste catarinense, no mês de maio emburrado. O frio é de lascas. A cidade, que praticamente conorta as fábricas de papel, amanhece envolta na fumaça que nunca pára de sair das chaminés. O município, conhecido pela qualidade de suas maçãs, pode ser chamado também da cidade do pinus, pois, para cada lado que se olhe, lá estão eles, implacáveis, prontos a alimentar a boca gigante das fábricas, responsáveis pelo cheiro característico que toma o espaço todo. A região, que conta com outras cidades de médio porte como Caçador, Curitiba, Três Barras e Joaçaba, é um campo de lutas importantes no âmbito fundiário. Coabitam grandes propriedades, assentamentos do MST, ricos fazendeiros e trabalhadores explorados.

Nos campos ainda reverbera a mais importante luta agrária deste chão catarinense, que foi a batalha do Contestado,

quando milhares de famílias decidiram construir outra forma de viver no mundo, em luta contra a invasão de suas terras pelos “donos do trem” (a companhia estadunidense Brazil Railway Company, que construiu a linha férrea). E, neste caldeirão de conflitos que ainda se explicitam, os movimentos populares precisam demandar muito esforço para se fazer ouvir. Assim, é justamente no campo da comunicação que eles hoje travam uma feroz batalha. Por conta disso, aconteceu o Segundo Seminário de Comunicação e Cultura Popular do Contestado, organizado pela Agecon (Agência Contestado de Notícias Populares).

A história desta agência peculiar, que divulga notícias de toda a região, mas sempre com a mirada popular, é tão bonita quanto a luta deste povo guerreiro. Cansados de não terem lugar algum para se expressar, uma vez que as

rádios e jornais locais são expressão da classe dominante, os movimentos populares locais começaram a pensar numa estratégia de unidade que permitisse dizer a palavra omitida pelos poderosos. Não foram poucos os debates e as reuniões pela região afora, nos invernos rigorosos e nas tardes escaldantes. Mas, finalmente, em 2007, no mês de agosto, nasceu o instrumento que viria balançar a estrutura de poder midiático na região: a Agência Contestado de Notícias Populares. Esta agência vinha robusta, alavancada por 18 organizações sociais, e apontava como propósito ser um instrumento de luta para anunciar uma sociedade nova e um projeto popular para o Brasil.

Num dia de muito frio, no galpão de igreja, naquele 2007, as gentes se juntaram para um seminário. Havia desejos, sonhos, esperanças, mas eles não sabiam bem como tornar real a

proposta. Foi preciso um dia inteiro de conversas com jornalistas amigos para que a coisa começasse a se esboçar. O desafio estava lançado e poucos meses depois a página da internet estava no ar. A pretensão era atingir umas 300 pessoas por mês, mas, passados 25 meses, já foram contabilizados mais de 40 mil acessos. Hoje, a agência é um pólo de difusão de tudo o que acontece na região, fazendo a ligação com as demais regiões do estado, do país e do mundo.

Por enquanto, as notícias vêm de agentes de comunicação popular, que se esforçam por repassar informações de toda ordem. Não há qualquer jornalista formado no projeto. Mas a agência está aberta a todo tipo de colaboração. Ela segue o preceito da soberania comunicacional, na qual o povo, impedido de ocupar os espaços de expressão, cria o seu próprio lugar. "Os meios de comunicação não comunicam o que nos interessa, então nós mesmos fazemos nossa comunicação", argumenta Jilson Carlos Souza, da Associação Paulo Freire de Educação Popular e um dos coordenadores da Agecon.

Rede popular

Os valentes herdeiros do povo do Contestado agora querem dar mais um passo na busca da soberania comunicacional e apostam na criação de uma rede popular de notícias, que permita às gentes de todo o estado se inteirar sobre

o que acontece em cada canto de Santa Catarina. A idéia é que as experiências populares, como a Agecon, possam se interligar e trocar informações, entrevistas, histórias etc.

E assim, aproveitando o lançamento de mais uma novidade na Agecon, que foi a entrada no ar da Rádio Web Cidadania, a Agência Contestado de Notícias Populares reuniu em Fraiburgo várias propostas de comunicação popular para concretizar a formação desta rede tão sonhada. Foi por conta deste chamado, que no maio emburrado, em outro salão de igreja, numa manhã de frio cortante, o povo que produz a palavra livre se encontrou.

O primeiro a falar foi Anderson Engels, da Rádio Comunitária Fortaleza de Blumenau. Ele contou um pouco da história da criação da rádio, em 2002, ainda sob o comando do saudoso Adenilson Telles (jovem jornalista morto num acidente de carro em 2006), da perseguição efetuada pela Polícia Federal que chegou a levar presos os locutores da rádio, em 2003, quando invadiram o espaço sob a alegação de que era uma "rádio pirata".

Ele também falou do processo de recuperação dos equipamentos, da luta da comunidade do Bairro Fortaleza e dos sindicatos para reerguer a rádio e colocá-la no ar outra vez. Hoje, a rádio é uma referência em Blumenau e sua história de luta inspira outras tantas pelo estado afora. Anderson é ativista do

movimento cultural da cidade e estuda jornalismo, mas sua ação na rádio se dá pela compreensão de que é o povo quem tem de assumir o comando da sua comunicação. A Fortaleza é mantida por um grupo de sindicatos de Blumenau e tem a completa confiança da comunidade, que faz romaria para conhecer a rádio, hoje também transformada em espaço artístico-cultural, com suas paredes cobertas pela arte e seu microfone aberto à vida real.

Depois foi a vez de Edson de Lourenzo, da Rádio Livre Cidade Santa do Taquaruçu, uma experiência bonita de rádio no meio rural. Na pequena comunidade de Taquaruçu de Cima, berço da luta do Contestado, 52 famílias fizeram nascer esta rádio, com sua antena presa a um taquaruçu pendurado em uma araucária, para simbolizar a resistência cultural, histórica e ambiental. A manutenção da rádio é feita pela própria comunidade, que se reveza no pagamento da luz. Ali, durante a programação, que é tocada por nove pessoas, se registra a história do povo local, os costumes, a música.

A rádio existe desde 2007, quando o povo decidiu que, se as rádios vizinhas não lhes davam espaço, eles iriam fazer acontecer. Hoje, além da rádio, eles mantêm o Jornal Taquaruçu, que é distribuído em papel e por correio eletrônico. "Nossa rádio fica ali, no meio de um matinho, mas é gigante na capacidade de falar da nossa realidade. Não temos propaganda,



tudo é bancado pela gente de Taquaruçu”, diz Edson.

Franciele Trautman contou a história da Rádio Comunitária Maria Rosa, uma das primeiras da região de Curitiba. Ali, o povo também foi buscar na história a inspiração para a luta comunicacional. Maria Rosa é uma das heroínas do Contestado. Fundada em 2003, a Maria Rosa é uma das comunitárias mais bem organizadas do estado, tem oito comunicadores e diversos programas que expressam os mais diferentes movimentos sociais. A rádio entra na vida das pessoas através da proposta “brincando de radialista”, na qual a comunidade aprende a falar, escrever notícias e tudo mais. Além disso, é hoje espaço cultural da cidade e uma importante fonte de informação e comunicação, pois as pessoas podem mandar recados, avisos, sem pagar nada.

A experiência da Revista Pobres e Nojentas foi relatada por mim, como uma proposta de comunicação impressa que ainda precisa de muito esforço do grupo que a viabiliza para ir ao prelo. Poucos são os apoiadores. A revista sobrevive com poucas assinaturas e a venda de mão em mão feita pelos próprios jornalistas. Apenas o Sindprevs/SC, Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina, aporta sistematicamente um recurso que permite a distribuição gratuita de parte da edição. A revista é bimestral e se propõe a narrar a vida que vive e se expressa na periferia do sistema capitalista.

A experiência da Rádio Comunitária Campeche também foi relatada, como um espaço de informação, formação e cultural que já está encravado na vida da comunidade. Nascida do desejo dos movimentos sociais do bairro Campeche, em Florianópolis, a rádio tem vários programas ao vivo, programadores voluntários e fica no ar 24 horas. Sobrevive das anuidades dos associados e trabalha com apoios culturais que são arrebanhados no bairro mesmo. Ninguém compra

espaço ou faz propaganda. Os pequenos comércios locais fazem uma pequena contribuição mensal e tem seu nome divulgado. A participação comunitária é um dos pilares do projeto.

Roberto Bohnenberger, da Rádio Comunitária Tangarense e do Jornal Vitória, ambos de Tangará, narrou as peripécias do grupo da rádio e as escaramuças com a Polícia Federal, que por várias vezes veio fechar a rádio, nascida em 1997. Por conta destes embates, ela acabou ficando fora do ar, só retornando em fevereiro deste ano. “Neste meio tempo, como a gente já tinha acumulado experiência com comunicação popular, decidimos criar um jornal em 2004, que nasceu pequeno, mas, depois, foi melhorando e hoje já circula pelos vários municípios da região”. Segundo Roberto, tanto a rádio quanto o jornal são veículos que fazem circular a vida real das gentes locais, aprofundando a autoestima, promovendo a organização e sendo fermento para as lutas.

Raul Fitipaldi, do portal Desacato, sítio de informação sobre as lutas na América Latina, também mandou sua contribuição em forma de texto, lido em voz alta para todos os presentes, uma vez que no mesmo dia acompanhava o lançamento do filme “De um golpe, Honduras”, com roteiro de sua autoria e uma das primeiras produções cinematográficas da Associação Rádio Comunitária do Campeche (ARCCA), de Florianópolis. Ressaltando a importância da soberania comunicacional como espaço de apropriação do povo de sua própria comunicação, ele apontou a necessidade da criação de uma rede que articulasse todas estas experiências.

Ao final, para fechar a proposta de comunicação e cultura popular, a Associação de Capoeira e Cultura Afro de Fraiburgo trouxe seus meninos e meninas pra uma apresentação desta dança/luta que é o símbolo da resistência do povo negro. E, embalados pela música dolente do berimbau, as gentes se irmanaram na mesma proposta de

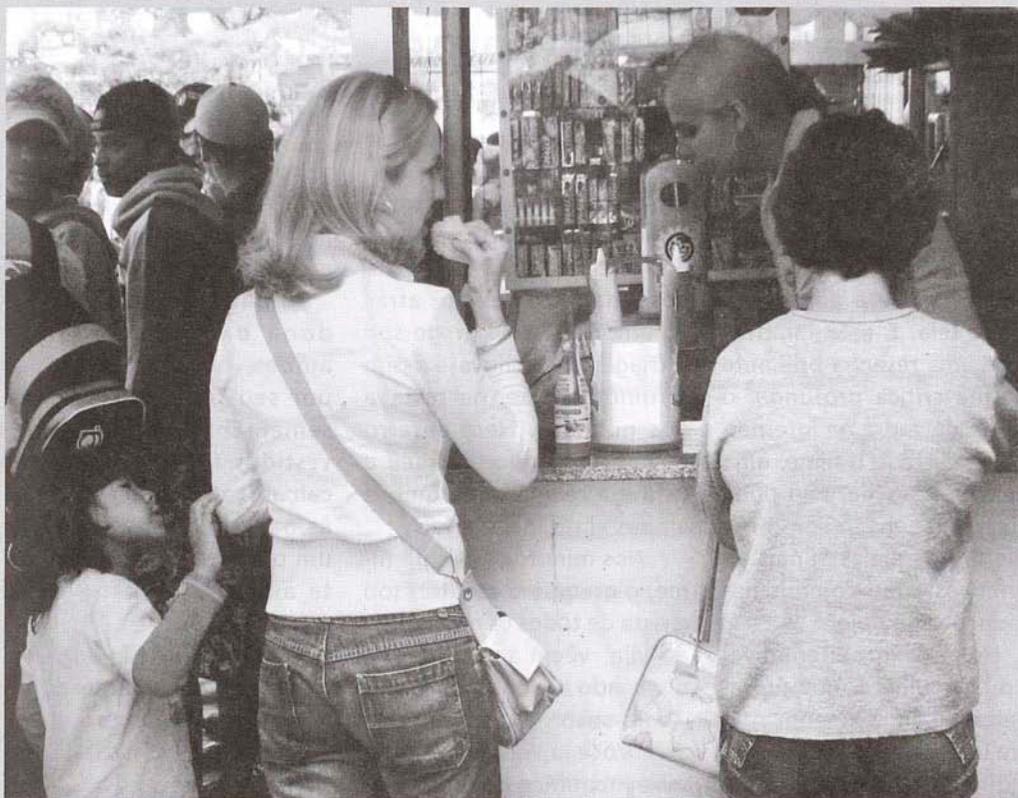
luta por um país digno, com riquezas repartidas.

Luta que se entrelaça e avança

O segundo Seminário de Comunicação e Cultura Popular do Contestado terminou com um compromisso. Todos os participantes passarão a trocar matérias, textos, áudios, imagens, fotos, enfim, tudo o que for produzido e que pode ter interesse em outros espaços. A vida e a luta da gente do campo será divulgada na praia do Campeche, assim como os pescadores poderão ser escutados no oeste catarinense.

A rádio que se faz ouvir desde um taquaruçu vai transmitir a luta das gentes de Blumenau e a cidade da Oktoberfest vai escutar o grito do povo de Tangará. Uma teia gigante de batalhas sociais, de histórias de vida, de cultura, de arte, tudo circulando desde uma proposta solidária e soberana. O povo informando a si mesmo, dentro da lógica da soberania comunicacional, que pressupõe o controle dos meios e o controle da produção.

Entre os jovens, sindicalistas e lutadores sociais que acompanharam os debates durante toda manhã, ficou bem clara a certeza de que é a partir do trabalho comunitário popular que esta soberania pode ser constituída. E mais, não é necessário apenas resistir ao monopólio despótico dos meios de comunicação, mas fazer a luta renhida para mudar este sistema opressor que impede a livre circulação da palavra popular. Podemos dar o nome que quisermos a isso, socialismo, sumak kausai (o bem viver andino) ou o reino do céu na terra. O nome é o de menos. O que importa é que caminhemos para a mudança radical disso que aí está. Esse é o nosso compromisso. Tal qual dizia Jesus: eu vim pôr fogo ao mundo, e hei de atizá-lo, até que arda! Cabe a nós atearmos fogo a este sistema capitalista que tanto nos rouba vida.



Meus dias

Texto e fotos: **Leonardo Tolomini Miranda,**
de Florianópolis

Vi o prato vazio, limpo. Um ônibus cheio e lento. Uma mamadeira vazia em meio à fome. Uma goteira em dia frio. Um beijo nunca dado. Uma esperança morta ao nascer. Um tombo que não se consiga levantar. Uma caneta que não escreve. Uma boneca sem cabeça. Um cabelo sem pente. Uma roupa com furos. Um dia de chuva sem teto. Um amor engasgado. Uma árvore que não cresce. Um bebê que não chora. Um pai que não trabalha. Uma mulher que não ama. Um

estudante sem livros. Um cachorro magro sem dono. Um jogador sem bola. Um escritor sem leitor. Um país sem cidadãos. Um carro que engarrafa. Uma música que não toca o coração. Um irmão que não conversa. Um dia igual ao outro. Um jornal mentiroso. Um pão duro. Um rio poluído. Uma história sem fim. Uma namorada sem mãos dadas. Um avô sem histórias. Uma noite sem sonhos. Um trabalho sem soldo. Uma trilha sem chegada. Um atleta sem medalhas. Um telefone mudo. Um chão com cacos de vidro. Uma

praia sem sol. Uma bebida ordinária. Um campo sem grama. Uma floresta sem pássaros. Um amor sem começo.

Carteira sem dinheiro. Beijo sem tocar. Olho que não enxerga. Peito sem vigor. Letras que não explicam. Pai sem filho. Palhaço sem picadeiro. Telefone que não toca. Pernas que não andam. Coração vazio. Mente que não reflete. Escola que não educa. Remédio que não cura. Corte que não para de sangrar. Ferida com bicheira. Estrela sem brilho. Teatro sem

ator. Sonho sem prática. Criança que não sorri. Café queimado. Comida que não alimenta. Bandeira sem cor. Quadro sem inspiração. Abraço solitário. Terra sem semente. Perder sem aprender. Pobreza sem solução. Democracia com violência. Gol sem torcida. Lâmpada que não acende. Livro que não se entende. Partida sem volta.

Dente sem escova. Banho sem toalha. Prisão sem dignidade. Frio sem casaco.

Consumismo que te consome.
FIM.

Finais alternativos

Texto: Míriam Santini de Abreu, de Florianópolis

Numa chuvosa noite de outono vi “Zorba, o Grego”, baseado no livro de Nikos Kazantzakis. Magnífico. Não li o livro, e assim nada posso dizer sobre a adaptação para a tela. E esta também não é uma resenha brilhante ou uma crítica profunda, o que há de sobra na internet. Mas, encerrado o filme, uma celebração à vida, não pude deixar de pensar em como seria um daqueles “finais alternativos”, tão comuns nas produções de hoje.

No meu final alternativo, as duas mulheres que protagonizam o filme experimentaríamos um momento tão glorioso quanto aquele concedido aos dois homens. A viúva, por ter gozado nos braços do

homem que desejou – e que nada fez para livrá-la da punição por isso – não encontraria a morte. E a morte também não alcançaria a dona da hospedagem, que foi atrás do amor do velho grego sob a friagem e a chuva e assim arruinou o que lhe restava dos pulmões. Nem enterro mereceu, porque escolheu a vida e a religião que quis, e ambas eram inaceitáveis.

Nos minutos finais do filme, o grego e o escritor, sob a vista de todos os moradores da vila, vêem seu projeto - planejado ao longo de meses - ir ao chão.

“Você já viu um acidente mais magnífico do que aquele?” – pergunta Zorba, às gargalhadas.

“Não restou nada!”, responde o escritor.

E saem os dois a dançar na praia, cena de um prazer arrebatador.

Imaginei a viúva e a dona da hospedagem – ambas, no filme, punidas por seu prazer – em cena semelhante. As duas com vestidos floridos, pés descalços, cabelos soltos, rindo às gargalhadas, atrás delas um projeto esplendidamente arruinado, diante delas a vida.

“Você já viu um acidente mais magnífico do que aquele?” – pergunta uma.

“Não restou nada!”, responde a outra.

E saem as duas a dançar na praia, rindo, rindo...

Umás e outras

em tempo de Copa do Mundo

Texto: Celso Vicenzi, de Florianópolis



Celso Vicenzi, jornalista, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/

SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.

Deus é brasileiro. Por isso, quando a Seleção perde, só tem uma explicação: Deus zebra!

Tudo bem, a gente sabe que torcer é uma cachaaça. Mas não precisava dar tanta dor de cabeça.

A Seleção precisa botar uma coisa na cabeça: é tudo ou nada. E o pior é que o nada sempre vem com tudo pra cima do Brasil.

Tá certo, pênalti é loteria. Mas também não precisa jogar o bilhete fora.

A final do campeonato feminino deveria ser disputada em Moça Bonita !

Brincadeira tem hora, mas para alguns jogadores é justamente na hora do jogo.

O Ibama vai proibir gol no ângulo porque é “onde a coruja dorme”.

Tem muito jogador que é milionário, mas quando entra em campo fica devendo.

O craque brinca com a bola. Quando erra, a bola brinca com o craque.

Um bom goleiro pode não ser um bom amante, mas agarra bem.

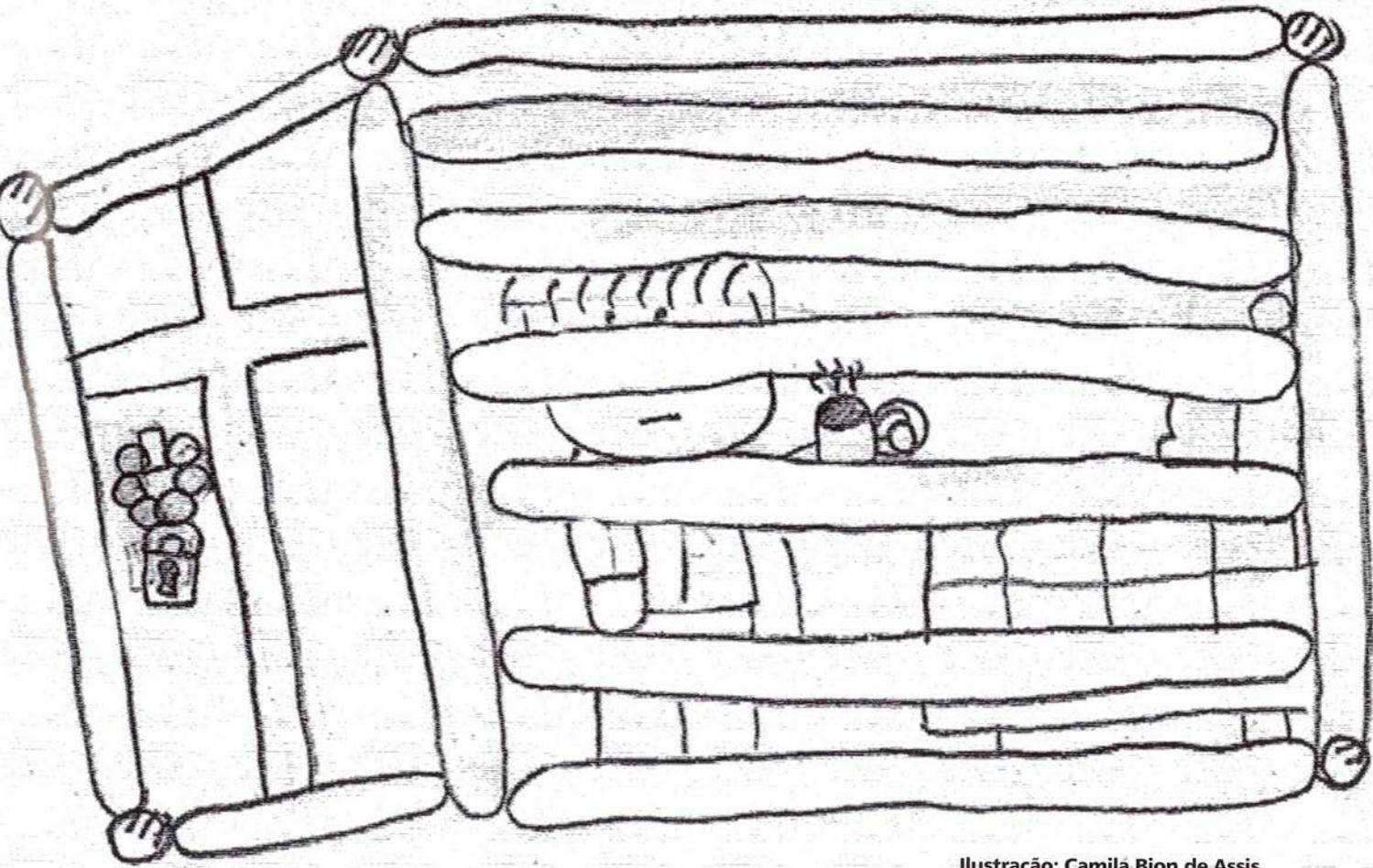


Ilustração: Camilá Bion de Assis

Aprisionada

Por Rosangela Bion de Assis,
de Florianópolis

Sou livre para ser o que esperam de mim;
Sou livre para cumprir o horário;
Sou livre para dizer o que não ofende, não perturba, não questiona;
Sou livre para ir e vir, desde que pague a passagem;
Sou livre para manter a produtividade;
Sou livre, desde que me contente com essa versão de liberdade com alegria e bom humor.
Sou livre, desde que isso tudo não me enlouqueça.

Trevos sob o teu corpo

Homenagem às mulheres
proibidas de sentar

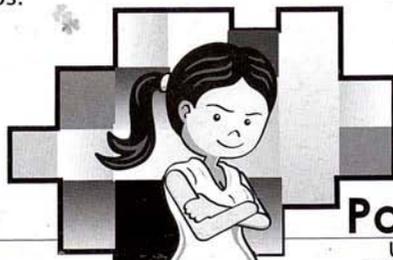
Miriam Santini de Abreu

Estão elas ali, na padaria da esquina,
no centro de Nossa Senhora do Desterro,
toda manhã, toda tarde, quase toda noite
em pé, sempre em pé, atrás do balcão.
Desterro nos pés, nas pernas, nas ancas, na coluna.
Desterro no peito.
Bem próximos, na praça da figueira,
os bancos de madeira com pés de ferro
não são para elas.
Uma quadra adiante, na loja chique,
as poltronas de couro macio
também não são para elas.
Para elas, nem o mais duro dos banquinhos.
Assim é nas lanchonetes, nas farmácias, nos armarinhos.
Porque alguém assim quer:
- Eu ordeno, fique em pé!
E quando sentam,
como na loja de produtos naturais,
para clientes com "vida saudável",
é num banco "pós-moderno",
sem encosto, porque o encosto
não combina com o "layout".
As veias nas pernas cansadas
A cólica de uma menstruação dolorosa
As cansadas cartilagens dos joelhos
Nada disso vale tanto quanto o "layout".
Conforto para quem trabalha – cruze!
Estraga a decoração!
Só os patrões podem sentar!
Quando chegam em casa,
terão, essas trabalhadoras, alguém que
lhes escale os pés?
E quem lhes escale a alma?
Mas chegará o dia em que, por decreto, se proclamará:
- Toda mulher, sob o sol ou sob a lua, descansará o corpo
sobre uma suave cama de trevos.



EDU

Ilustração: Eduardo Schmitz



Pobres

Uma
revista Digital
para a
classe

Mejentes